

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SANTA CATARINA - CÂMPUS FLORIANÓPOLIS
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE METAL MECÂNICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DESIGN DE PRODUTO**

JOÃO PEDRO DREHMER NEDEL

**COBOGÓ: A ESTÉTICA URBANA E NATURAL DA GRANDE
FLORIANÓPOLIS EM UM PRODUTO VOLTADO AO MERCADO
DA ARQUITETURA E DESIGN**

FLORIANÓPOLIS, 2025.

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SANTA CATARINA - CÂMPUS FLORIANÓPOLIS
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE METAL MECÂNICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DESIGN DE PRODUTO**

JOÃO PEDRO DREHMER NEDEL

**COBOGÓ: A ESTÉTICA URBANA E NATURAL DA GRANDE
FLORIANÓPOLIS EM UM PRODUTO VOLTADO AO MERCADO
DA ARQUITETURA E DESIGN**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser submetido ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do título de Tecnólogo em Design de Produto.

Orientadora: Prof. Priscila Moura Ortiga

FLORIANÓPOLIS, 2026.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor.

Nedel, João Pedro
Cobogó: a estética urbana e natural da grande Florianópolis em um produto voltado ao mercado da arquitetura e design / João Pedro Nedel; orientação de Priscila Moura Ortiga. - Florianópolis, SC, 2026.
59 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Florianópolis. CST em Design de Produto. Departamento Acadêmico de Metal Mecânica.
Inclui Referências.

1. Florianópolis. 2. Cobogó. 3. Mata. 4. Areia.
5. Mar. I. Moura Ortiga, Priscila. II. Instituto Federal de Santa Catarina. III. Cobogó.

**COBOGÓ: A ESTÉTICA URBANA E NATURAL DA GRANDE
FLORIANÓPOLIS EM UM PRODUTO VOLTADO AO MERCADO DA
ARQUITETURA E DESIGN**

JOÃO PEDRO DREHMER NEDEL

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Tecnólogo em DESIGN DE PRODUTO e aprovado na sua forma final pela banca examinadora do Curso superior tecnológico em design de produto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

Florianópolis, 10 de Fevereiro, 2026.

Banca Examinadora:

Priscila Moura Ortiga, Professora

Deise Albertazzi Gonçalves Tomelin, Professora IFSC

Isabela Mendes Sielski, Professora convidada

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Construções Florianopolitanas que utilizam cobogó.
- Figura 2 - Construções Florianopolitanas que utilizam cobogó.
- Figura 3 - Construções Florianopolitanas que utilizam cobogó.
- Figura 4 - Construções Florianopolitanas que utilizam cobogó.
- Figura 5 - Construções Florianopolitanas que utilizam cobogó
- Figura 6 - Mapa de Florianópolis com as áreas estudadas em destaque.
- Figura 7 - Cobogó de cerâmica.
- Figura 8 - Cobogó de concreto.
- Figura 9 - Cobogó de polímero.
- Figura 10 - Cobogó de vidro.
- Figura 11 - Documento de patente do bloco perfurado Cobogó.
- Figura 12 - Fotografia da Caixa D'água de Olinda.
- Figura 13 - Cobogó Esmaltado.
- Figura 14 - Cobogó Esmaltado.
- Figura 15 - Cobogó Esmaltado.
- Figura 16 - Cobogó Esmaltado.
- Figura 17 - Imagem 3d de produtos Portobello com diferentes aplicações.
- Figura 18 - Imagem 3d de ambiente com cobogó Portobello.
- Figura 19 - Imagem 3d de ambiente com cobogó Portobello.
- Figura 20 - Imagem do cobogó linha Craft da marca Portobello.
- Figura 21 - Imagem do cobogó linha Craft da marca Portobello.
- Figura 22 - Imagem do cobogó linha On Fire da marca Portobello.
- Figura 23 - Imagem do cobogó linha Mundaú da marca Portobello.
- Figura 24 - Imagem do cobogó linha Haptic da marca Portobello.
- Figura 25 - Diagrama metodologia Bruno Munari.
- Figura 26 - Imagem aérea da SC-406 (região sul da cidade).
- Figura 27 - Imagem aérea da região da Lagoa da Conceição (região leste da cidade).
- Figura 28 - Imagem aérea da região central e continental da cidade.
- Figura 29 - Imagem do trecho da SC-401 (região norte da cidade)
- Figura 30 - Painel de referência tema mata.

Figura 31 - Painel de referência tema areia.

Figura 32 - Painel de referência tema mar.

Figuras 33 - Painel de público alvo.

Figura 34 - Elaboração das alternativas de solução.

Figura 35 - Elaboração das alternativas de solução.

Figura 36 - Exemplo de molde de silicone para cobogó em concreto.

Figura 37 - Linha Fita da marca Portobello, destacando os 3 modelos.

Figura 38 - Alternativas escolhidas a partir dos esboços.

Figura 39 - Testes de volumetria das peças.

Figura 40 - Testes de composição.

Figura 41 - Testes de composição.

Figura 42 - Teste de composição da peça Mata e peça Mar.

Figura 43 - Teste de composição da peça Mata e peça Areia.

Figura 44 - Teste de composição da peça Areia e peça Mar.

Figura 45 - Teste tridimensional de composição da peça Mata e peça Mar.

Figura 46 - Teste tridimensional de composição da peça Mata e peça Mar.

Figura 47 - Teste tridimensional de composição da peça Mata e peça Mar.

Figura 48 - Processo de modelagem das peças em escala 1:2.

Figura 49 - Desenho de construção da peça Mata.

Figura 50 - Desenho de construção da peça Mar.

Figura 51 - Desenho de construção da peça Areia.

Figura 52 - Imagem final do Elemento Mata.

Figura 53 - Imagem final do Elemento Mar.

Figura 54 - Imagem final do Elemento Areia.

Figura 55 - Imagem final do Elemento Mata na cor verde.

Figura 56 - Imagem final do Elemento Mar na cor azul.

Figura 57 - Imagem final do Elemento Areia na cor bege.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	8
1.2. COMPONENTES DO PROBLEMA.....	8
1.3. OBJETIVO GERAL.....	8
1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
1.5. JUSTIFICATIVA.....	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1. O Cobogó.....	14
2.2. Ilha de Florianópolis.....	19
2.3. Portobello.....	20
2.4. Cobogós Portobello.....	22
2.5. Público alvo.....	24
3. METODOLOGIA.....	24
4. DESENVOLVIMENTO.....	26
4.1. Escolha dos elementos de inspiração.....	26
4.1.1. A Mata.....	29
4.1.2. A Areia.....	29
4.1.3. O mar.....	30
4.2. Painéis de referência.....	30
4.3. Persona.....	33
4.4. Elaboração de alternativas.....	34
4.5. Materiais e tecnologias.....	35
4.6. Experimentação e modelo.....	38
4.7. Verificação.....	41
4.8. Desenhos de construção.....	44
4.8.1. Peça Mata.....	45
4.8.2. Peça Mar.....	45
4.8.3. Peça Areia.....	46
5. RESULTADO.....	46
6. CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
APÊNDICE A – desenhos técnicos.....	54

1. INTRODUÇÃO

Percebe-se no cenário econômico e tecnológico atual uma grande industrialização em diversos setores do mercado, incluindo a construção civil. Esse processo, voltado à produção em larga escala, acaba promovendo uma padronização nas formas de construir e decorar os ambientes. Em contrapartida, surge a busca pessoal por identidade própria, refletida nas moradias em que as pessoas habitam, bem como, na forma em que se vestem, se comportam e se relacionam com o ambiente ao seu redor.

A personalização torna-se, assim, um diferencial prezado pelos consumidores, que desejam produtos únicos e ligados à sua identidade. Nesse contexto, a cultura local e os elementos regionais se destacam como uma das soluções para criar peças significativas, que atravessam o convencional.

Paralelamente a esse movimento por personalização, observa-se também um crescimento significativo no setor da construção civil, que segundo dados de 2024 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) teve um crescimento de 4,3% no Brasil. Esse avanço trouxe novas tecnologias, materiais e métodos construtivos, ao mesmo tempo em que ampliou as possibilidades de atuação do design na arquitetura. Com isso, cresce também a valorização de soluções que vão além da função técnica, promovendo experiências estéticas e afetivas nos ambientes construídos.

Dentro desse cenário, os cobogós¹ ganham relevância como elementos arquitetônicos capazes de unir funcionalidade e estética. Tradicionalmente utilizados para promover a ventilação e a iluminação natural, essas peças vazadas também desempenham um papel importante na composição visual dos espaços, permitindo a criação de jogos de luz e sombra e divisão de ambientes que enriquecem a experiência sensorial da moradia. Sua

¹ Cobogós são elementos vazados majoritariamente feitos em concreto ou cerâmica voltados para a construção civil que tem como objetivo substituir aberturas ou paredes de forma a permitir a ventilação e a entrada de luz nos ambientes bem como criar divisórias em ambientes internos.

versatilidade e potencial decorativo os tornam um suporte ideal para explorar referências culturais e identitárias por meio do design.

A partir dessa reflexão, este trabalho explora os aspectos geográficos e cotidianos de Florianópolis, em diálogo com a marca Portobello — referência nacional no segmento de revestimentos — no desenvolvimento de uma coleção de cobogós.

1.1. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Segundo Munari (1998)² é necessário começar pela definição do problema, que servirá também para definir os limites dentro dos quais o projetista deverá trabalhar.

Como traduzir as características geográficas de Florianópolis em elementos afetivos e simbólicos que despertem conexão emocional entre as pessoas e os espaços, por meio de uma linha de cobogós para o mercado da arquitetura, alinhada ao estilo da Portobello.

1.2. COMPONENTES DO PROBLEMA

O trabalho explora o uso do cobogó como elemento de design articulando aspectos naturais da geografia de Florianópolis com a identidade da marca Portobello. Como referência, considera-se a arquitetura modernista brasileira, presente também na cidade de Florianópolis.

1.3. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral é desenvolver uma linha de cobogós inspirados na geografia da ilha de Florianópolis para a Portobello.

²O método de Bruno Munari foi usado para auxiliar o desenvolvimento desse projeto e será tratado posteriormente explanando as etapas e como elas resultaram no presente trabalho.

1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Entender o que é um cobogó, origem e funcionalidades;
2. Identificar dos aspectos geográficos de Florianópolis com o objetivo de resgatar e reafirmar a identidade da população da ilha;
3. Conhecer a Portobello e entender o posicionamento de mercado bem como as tendências apropriadas;
4. Aplicar os conceitos de personalização, buscando oferecer opções de composição para os projetos;

1.5. JUSTIFICATIVA

Por meio de pesquisa de campo constatou-se um grande uso do cobogó na construção civil em Florianópolis. No entanto, de acordo com as observações, esse uso se restringe, em grande parte, a peças padronizadas, produzidas em série e com pouca variação estética (figuras de 4 a 8 abaixo), o que as torna genéricas e pouco expressivas do ponto de vista cultural e identitário.

(Figuras 1, 2, 3, 4 e 5) Construções Florianopolitanas que utilizam cobogó.





Fonte: Acervo pessoal (fotografadas em 2023, 2024 e 2025).

O presente projeto justifica-se pela necessidade de superar a padronização estética que predomina no uso de cobogós, explorando seu potencial como elemento simbólico e portador de identidade. Ao propor peças autorais que incorporem referências culturais e geográficas, busca-se oferecer ao usuário não apenas um componente arquitetônico, mas um objeto capaz de estabelecer vínculos e transmitir significados. Essa abordagem conecta-se à compreensão de valor emocional, como observa Donald A. Norman em seu livro *“Design Emocional”*.

Os produtos que usamos todos os dias fazem parte de nossas vidas, nos influenciam emocionalmente e refletem quem somos. [...] O significado emocional de um objeto pode ser mais importante do que sua função. Donald A. Norman, *Design Emocional* (2004), p. 20

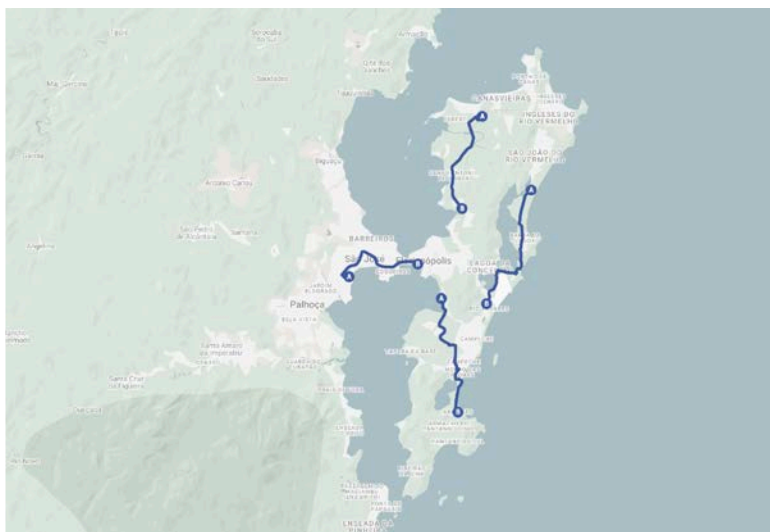
Essa busca por personalização, no entanto, muitas vezes se depara com o altos preços, já que produtos autorais costumam ter valores elevados. Diante desse cenário, desenvolver um produto que junte a possibilidade da produção em larga escala com a possibilidade de personalização torna-se uma estratégia considerável para atender a esse novo perfil consumidor.

A criação de cobogós modulares, com possibilidades de combinação, surge como uma solução acessível e criativa para quem busca personalizar os espaços de forma especial, além de possibilitarem múltiplas composições tornando o seu resultado ainda mais único e variável, aproximando, assim, o design autoral do cotidiano, incentivando a interação do usuário e ampliando as possibilidades do mercado de revestimentos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A partir de pesquisas de campo - caminhadas, passeios de bicicleta e passeios - foi percebido o marcante uso do cobogó como item estético e funcional nas construções civis de Florianópolis. Foi feita uma extensa pesquisa fotográfica durante os anos de 2023 a 2025, abrangendo desde a região continental (cidades metropolitanas Palhoça e São José) bem como a ilha nos lados sul (trecho da Rod. Gov. Aderbal Ramos da Silva - Saco dos Limões até Rod. Francisco Thomaz dos Santos, Armação), leste (trecho do Parque estadual do Rio Vermelho até Av. das Rendeiras, Lagoa), oeste (trecho do centro histórico de São José até o centro de Florianópolis) e norte da ilha (trecho da praia de Canasvieiras até a SC-401 no bairro Monte Verde), compreendendo assim, as principais regiões de habitação e deslocamento urbano da capital. (figura abaixo).

Figura 6 - Mapa de Florianópolis com as áreas estudadas em destaque.



Fonte: Mapa criado no site My Maps do Google (2025).

Nas casas em que a presença do cobogó foi constatada o uso se destina principalmente em muros frontais, áreas semi-externas como garagens e varandas cobertas de forma a permitir a entrada da luz mantendo a privacidade do ambiente, além de cômodos menores como banheiros e corredores substituindo uma pequena janela.

Nos edifícios em que a presença do cobogó foi constatada o uso se destina principalmente em muros frontais, corredores, escadarias e paredes entre blocos.

A constatação desse uso recorrente, reforça o papel do cobogó como um elemento arquitetônico que transcende tendências passageiras. A aplicação adaptada a diferentes funções justificam sua permanência no ambiente urbano de Florianópolis. Para compreender como esse componente se consolidou na arquitetura brasileira, é necessário resgatar sua origem e trajetória histórica, desde seu surgimento até sua difusão em diferentes regiões do país.

2.1. O Cobogó

O cobogó é um elemento construtivo formado por peças vazadas, usado em paredes que não têm função estrutural. Sua principal finalidade é permitir a ventilação cruzada e a entrada de luz natural de forma suave, ao mesmo tempo em que permite certo controle visual entre os ambientes e ajuda no conforto térmico. Criado inicialmente em cimento moldado, passou a ser produzido também em materiais como cerâmica, polímeros e vidro (figuras abaixo), o que ampliou suas possibilidades estéticas e funcionais. Como não suporta cargas estruturais, precisa ser instalado com apoio em outros sistemas de fixação. O formato e a disposição dos vazios influenciam diretamente a circulação do ar, o sombreamento e o nível de privacidade, fazendo do cobogó um recurso muito utilizado para melhorar o desempenho das construções, especialmente em regiões de clima quente e úmido.

Figura 7 - Cobogó de cerâmica



Fonte: Loja O Ponto das Telhas (2025).

Figura 8 - Cobogó de concreto



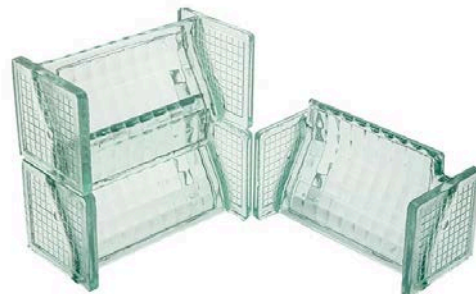
Fonte: Loja Telha Norte (2025).

Figura 9 - Cobogó de polímero



Fonte: Matéria do site revistaSIM (2025).

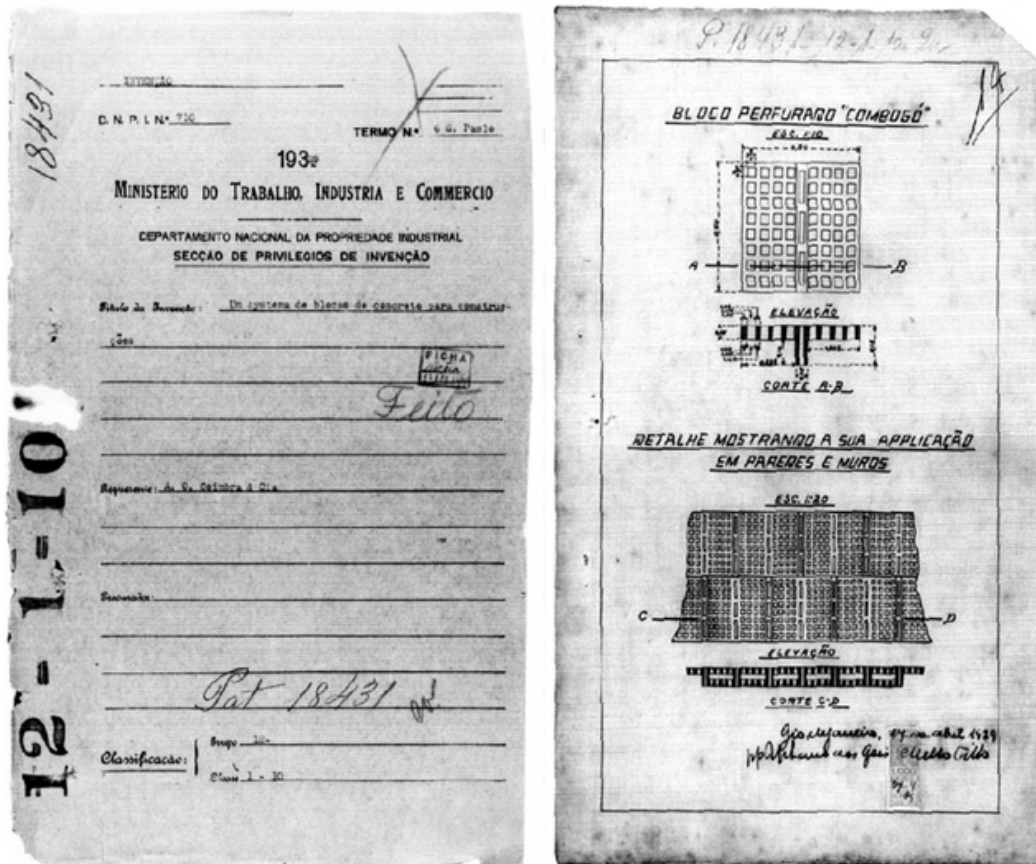
Figura 10 - Cobogó de vidro



Fonte: Loja BruTools (2025).

Criado no Brasil, em Pernambuco, foi patenteado em 1929 (figura 11), e foi nomeado como "bloco perfurado de combogó", nome dado a partir das iniciais dos seus três engenheiros idealizadores, Amadeu Oliveira Coimbra, Ernst August Boeckmann e Antônio de Góes. Posteriormente ficou conhecido como "Cobogó" e se difundiu no país todo.

Figura 11 - Documento de patente do bloco perfurado Cobogó.

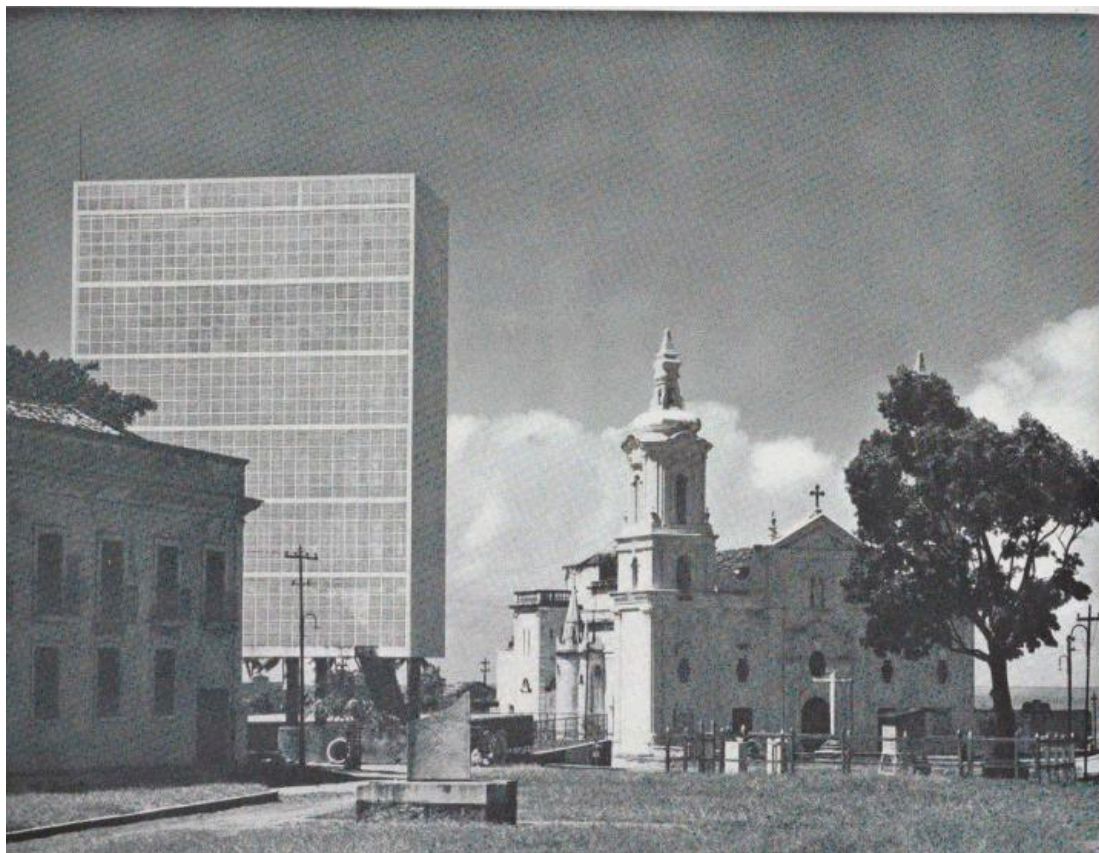


Fonte: Medium (2023).

Inspirados nos Muxarabis, presentes na cultura árabe, os cobogós possuem a mesma finalidade do produto de origem, permitir a ventilação do ambiente e a entrada de luz de forma a substituir uma janela, porém mantendo a privacidade.

Um dos primeiros usos registrados desse elemento se deu em Pernambuco no edifício da Caixa D'água de Olinda, que dentro das possibilidades recorreram ao bloco perfurado como alternativa buscando a ventilação e iluminação interna da construção.

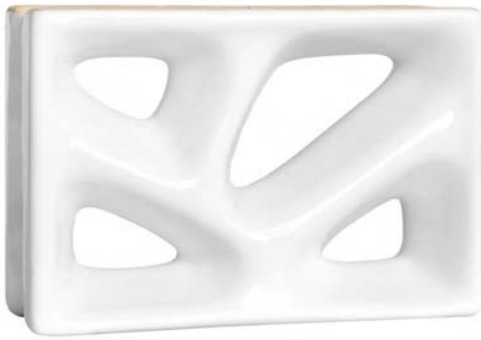
Figura 12 - Fotografia da Caixa D'água de Olinda.



Fonte: Medium (2023).

Ao longo do tempo, o elemento passou a ser produzido em uma grande variedade de modelos, que se diferenciam pelo material, pelo formato e pelo desenho dos vazados. É possível encontrar peças tradicionais, com padrões geométricos simples e modelos mais elaborados, que exploram curvas, texturas e composições. Essa diversidade permite que o cobogó seja aplicado tanto de forma discreta, como recurso funcional, quanto como elemento de destaque na estética de fachadas e divisórias internas.

Figura 13 - Cobogó Esmaltado



Fonte: Loja Sodimac (2025).

Figura 14 - Cobogó Esmaltado



Fonte: Loja Reformar minha casa (2025).

Figura 15 - Cobogó Esmaltado



Fonte: Loja Burguina (2025).

Figura 16 - Cobogó Esmaltado



Fonte: Loja Arqplace (2025).

Até hoje, o cobogó segue presente em residências, prédios e muros, como apontam as pesquisas de campo realizadas em Florianópolis entre 2022 e 2025. Sua aplicação combina função e estética, adaptando-se a diferentes estilos arquitetônicos e, no contexto específico da cidade, manifesta-se de forma diversificada, incorporando influências culturais e climáticas próprias da região.

2.2. Ilha de Florianópolis

A Ilha de Santa Catarina, Ilha do Desterro, Florianópolis, Floripa, também é conhecida como a Ilha da Magia informalmente pelos seus moradores. Esse nome se dá pelo fato de existirem diversas lendas e mistérios que rondam a cidade envolvendo bruxas e outros seres mitológicos. Contudo, muito dessa percepção se dá ao visual impressionante de uma geografia extremamente rica, com diversas paisagens e um ecossistema único composto por praias, dunas, manguezais, restingas, morros cobertos por floresta atlântica com diversas trilhas e mirantes, além de várias ilhas e ilhotas que rodeiam a cidade. Também é abundante em evidências históricas, como por exemplo a presença de sambaquis e bairros e casas de meados dos anos 1800.

Esses fatores acabam fazendo com que Florianópolis seja um local alvo de muitos turistas, tanto brasileiros quanto estrangeiros, ao longo do ano. No verão de 2023/2024 o número de turistas chegou a 2 milhões, segundo levantamento da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes do município. Muitos desses frequentam anualmente por gostarem do local, especialmente pela geografia, cultura e clima animado e acolhedor, sem contar a diversidade de programações para muitos os perfis de pessoas, idades e condição social...

Para reforçar a conexão entre o projeto e a geografia da cidade, a pesquisa retornou às quatro regiões da ilha onde foram feitos os registros do uso dos cobogós. Áreas essas que abrangem rotas tanto de moradores quanto de turistas, o que reforça sua relevância como pontos de referência afetiva e visual. A escolha dessas regiões permitiu identificar elementos recorrentes no cotidiano urbano da ilha, como a grande presença do mar, da mata e da areia.

Com esse panorama definido, torna-se essencial apresentar a empresa parceira deste projeto, a Portobello. Reconhecida nacional e internacionalmente pela qualidade e inovação em revestimentos, a empresa desempenha um papel na conexão entre o criativo e a viabilidade técnica da proposta. Ao compreender seu posicionamento no mercado, histórico de

lançamentos e perfil de público, é possível alinhar as referências culturais e geográficas de Florianópolis com soluções estéticas e funcionais que dialoguem com a identidade da marca.

2.3. Portobello

A Portobello é uma empresa do ramo cerâmico, especializada em revestimentos fundada em 1979. Desde a sua fundação, em Tijucas - SC, se preocupou em inovar e aumentar o seu espaço fabril, fortalecendo assim, a cena oleira da cidade, que já era proeminente.

Segundo a própria empresa, se consolidou no mercado como marca brasileira líder no ramo, importando referências, inovando tecnologicamente e sendo pioneira no lançamento de tendências em comparação às outras marcas do mesmo nicho, também possui colaborações criativas com inúmeros profissionais renomados da área da arquitetura e design, além de contar com centenas de lojas espalhadas pelo Brasil, dentre elas franquias e lojas próprias.

Além disso, foi percebido relações entre a marca Portobello e Santa Catarina pela notoriedade da empresa na região sendo uma das maiores empresas do estado e um ícone da indústria catarinense, segundo o ranking das 500 maiores empresas de Santa Catarina promovido pelo Grupo AMANHÃ e a PwC Brasil.

Hoje, a Portobello Grupo, possui um vasto portfólio e um grande número de produtos lançados, dentre eles diversos tipos de produtos. Grupo esse que inclui os seguintes canais de venda: Portobello Shop, sendo o maior foco do grupo, canal onde estão presentes os lançamentos, parcerias e lojas, Portobello Revenda, que atende os home centers onde alcançam um vasto público, que em muitas das vezes não necessitam de uma assistência projetual da marca, Portobello América onde é feita a distribuição para outros países da América Latina, contando agora com uma fábrica própria nos EUA e Pointer,

que atende os estados da região norte e nordeste do país, possuindo um portfólio próprio de produtos.

Segue buscando referências dentro e fora do Brasil para atender as necessidades dos clientes, propondo diversas linhas de produtos com estéticas e funcionalidades diferentes, em sua maioria revestimentos para pisos, paredes, bancadas, piscinas, ambientes internos e externos (segue exemplo abaixo).

Figura 17 - Imagem 3D de produtos Portobello com diferentes aplicações.



Fonte: Portobello (2023).

Como também móveis em porcelanato e acessórios, como por exemplo, cobogós (vide imagens seguintes).

Figuras 18 e 19 - Imagens 3D de ambientes com cobogós Portobello.



Fonte: Portobello (2023).

2.4. Cobogós Portobello

A Portobello possui um longo histórico de lançamentos de cobogós, com propostas, estéticas e materiais diferentes (alguns modelos nas imagens abaixo), que proporcionam versatilidade aos projetos.

Com a larga experiência em cobogós, com o passar do tempo foram desenvolvidas técnicas e materiais diferentes, como por exemplo o Cobogó Mundaú (figura 19), que foi desenvolvido na comunidade do Vergel do Lago, uma ocupação de Maceió, Alagoas. Sua matéria prima é constituída por cimento adicionado da casca de um molusco, encontrando assim uma solução sustentável e de reaproveitamento do sururu (casca de um molusco consumido no local), patrimônio imaterial da região de Alagoas.

Por dia, em Vergel, mais de 8 toneladas de casca eram rejeitadas na natureza, sem nenhum projeto de reaproveitamento desse material. Por mês, o descarte chegava a 300 toneladas de conchas, que acabavam indo parar nas margens da Lagoa do Mundaú, poluindo a lagoa e seus arredores.

Ao utilizar a casca para a fabricação do cobogó Mundaú, uma parte desses detritos acaba sendo reaproveitada na criação de um produto, capaz de gerar fonte de renda à comunidade – e também evitando o descarte na natureza, resolvendo uma parte desse importante problema ambiental. (Matéria publicada no site Archtrends Portobello em 2021)

Outro projeto recente da marca é o Cobogó Aquarelle, da linha Haptic, desenvolvido em parceria com o artista Vik Muniz. A linha traz como referência textura de papel e cores de aquarela, com estética contemporânea, grandes aberturas para a passagem de vento e luz e cores vibrantes, o Cobogó Aquarelle proporciona efeitos visuais conforme as pessoas se deslocam pelo ambiente, ora a luz incide com mais intensidade, ora com menos, ora as cores aparecem com mais destaque, ora com menos (figura 20).

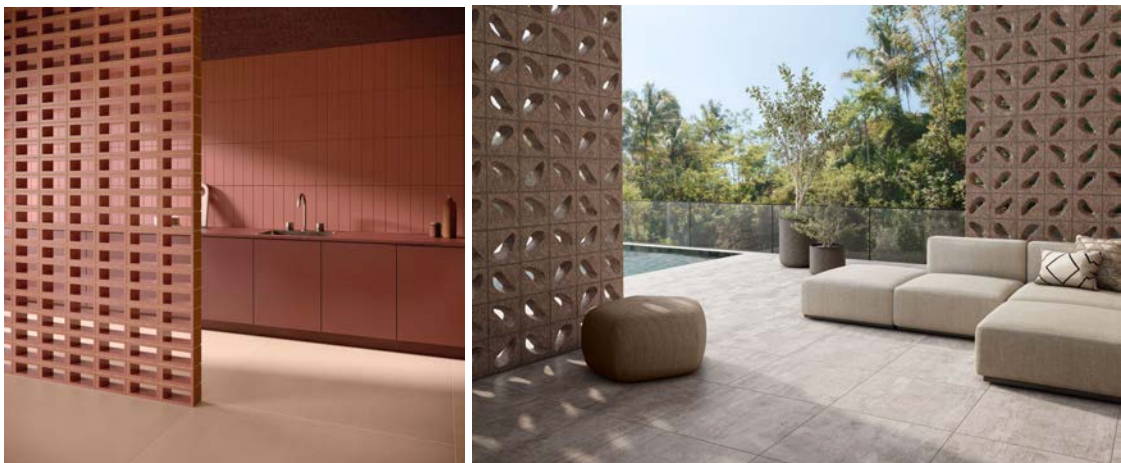
Levantamento de cobogós lançados pela Portobello nos últimos anos:

Figuras 20 e 21 - Imagens linha Craft



Fonte: Portobello (2024)

(Figuras 22 e 23) Linhas On Fire e Mundaú.



Fonte: Portobello (2024)

Figuras 24 - Coleção Haptic.



Fonte: Portobello (2024)

2.5. Público alvo

A Portobello possui dois principais públicos para os seus produtos, arquitetos - que estão especificando produtos Portobello no seu projeto - e o cliente final - que não possui arquiteto ou projeto, está indo sozinho à loja (cliente final representa um número menor que arquitetos no levantamento de vendas geral da marca). Ambos de classes sociais consideradas A e B (cerca de 15% das pessoas do Brasil segundo a pesquisa do IBGE de 1999).

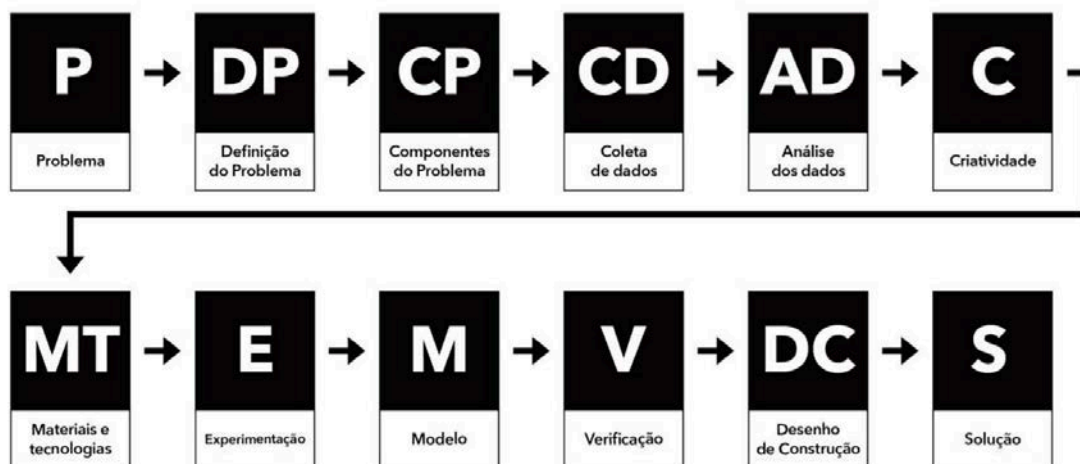
3. METODOLOGIA

Para desenvolver a linha de cobogós foi escolhida a metodologia proposta por Bruno Munari em seu livro "*Das coisas nascem as coisas*" com finalidade de facilitar o processo criativo tornando mais objetivo e assertivo devido a todas as etapas de análise e identificação do problema.

O método de projeto, para o designer, não é absoluto nem definitivo; pode ser modificado caso ele encontre outros valores objetivos que melhorem o processo. E isso tem a ver com a criatividade do projetista, que, ao aplicar o método, pode descobrir algo que o melhore. Portanto, as regras do método não bloqueiam a personalidade do projetista; o contrário, estimulam-no a descobrir coisas que, eventualmente, poderão ser úteis também aos outros. (Munari, Bruno, 2008, p.11)

Munari dividiu o processo em 12 partes (figura abaixo),

Figura 25 - Diagrama metodologia Bruno Munari.



Fonte: Medium (2023).

Com essa configuração de processo, Munari sustenta que quanto maior a segmentação de análises de problemas e necessidades, maior o domínio sobre elas, e assim, mais fácil é de chegar a uma solução.

O projeto se deu início com a identificação dos problemas envolvidos, definição dos problemas que serão abordados e quais elementos compõem os problemas, segundo Munari (1998) essa etapa servirá também para definir os limites dentro dos quais o projetista deverá trabalhar.

Os passos de coleta e análise de dados foram caracterizados pela fundamentação teórica, onde foram feitas pesquisas que sustentem a problemática envolvendo os locais de estudo, o produto foco que é o cobogó bem como a sua história, aspectos da ilha de Florianópolis, a história, área de atuação, produtos lançados, cobogós lançados e o público alvo.

A etapa de desenvolvimento, a seguir, diz respeito às etapas de criatividade - sendo levantado as questões constatadas anteriormente e posto em prática partindo de painéis de referência que conduzissem o desenvolvimento das alternativas até o processo de refinamento e decisão, materiais e tecnologias, verificação e modelo.

O resultado apresenta-se como a solução do processo, fechando assim o ciclo de criação, com imagens finais, modelos e desenhos de construção, acompanhados da análise das peças posterior à criação.

4. DESENVOLVIMENTO

Ao considerar o ambiente habitado como uma extensão da identidade do usuário, este projeto tem uma abordagem alinhada ao design emocional. Segundo Donald Norman, “o significado emocional de um objeto pode ser mais importante do que sua função”, pois os produtos carregam memórias e vínculos afetivos que moldam a forma como interagimos com eles. Assim, o objetivo é criar uma conexão entre o objeto e o usuário, promovendo identificação, afeto e pertencimento no espaço habitado.

Inspirado pela relação afetiva que os moradores constroem com o local que vivem, o projeto usa como referência a geografia da Ilha de Florianópolis. Seus elementos naturais corriqueiros, presentes no cotidiano de quem mora ou visita, servem como base simbólica para a criação das peças, reforçando o vínculo entre o usuário e o ambiente por meio de formas que remetem à paisagem local.

4.1. Escolha dos elementos de inspiração

A seleção dos elementos que representam Florianópolis foi guiada por sua presença constante no cotidiano e por sua capacidade de sintetizar a identidade da ilha. Eles se manifestam em diferentes paisagens e momentos, seja no contato diário de quem vive próximo às praias, nas trilhas que cruzam áreas de vegetação nativa e no horizonte que acompanha a vida urbana e turística. Mais do que simples componentes visuais, carregam significados afetivos, memórias e a sensação de pertencimento compartilhada por moradores e visitantes. A partir disso são propostos como a essência do cenário local: a mata, a areia e o mar.

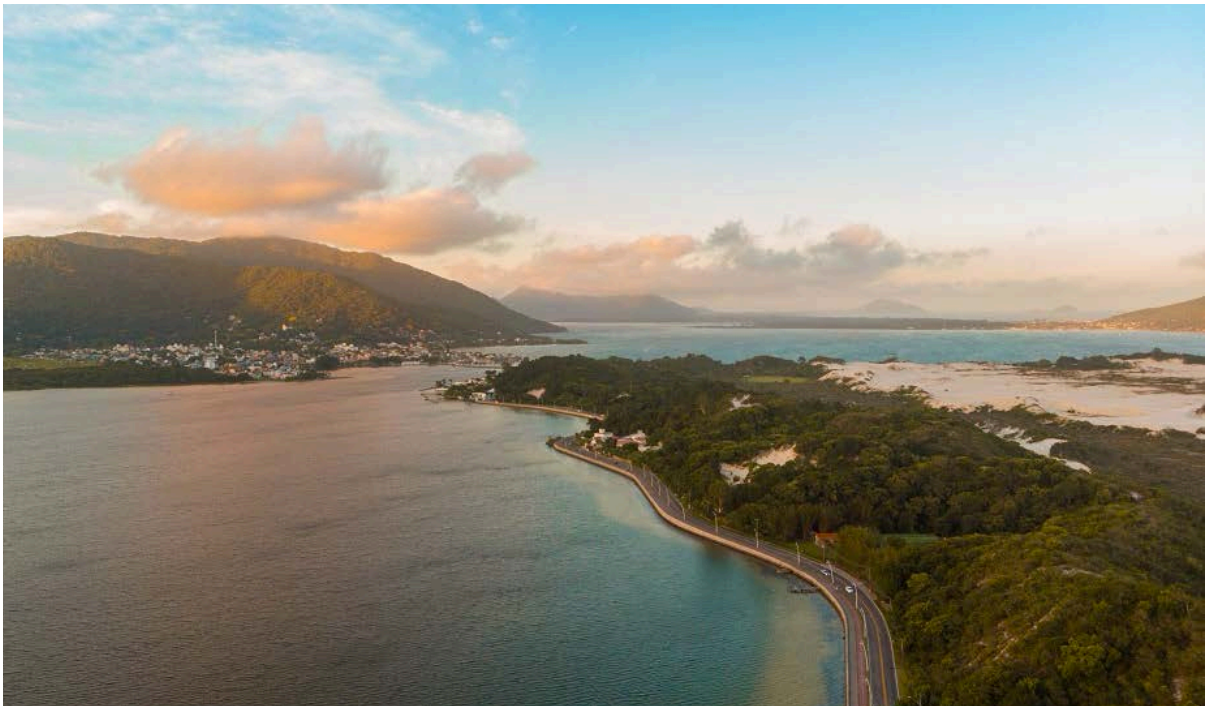
Para evidenciar a presença marcante desses elementos no cenário local, foram escolhidos registros fotográficos (figuras abaixo) que representam esses diferentes pontos da ilha, revelando como a mata, a areia e o mar se apresentam no cotidiano de Florianópolis e reforçam sua identidade paisagística.

Figura 26 - Imagem aérea da SC-406 (região sul da cidade)



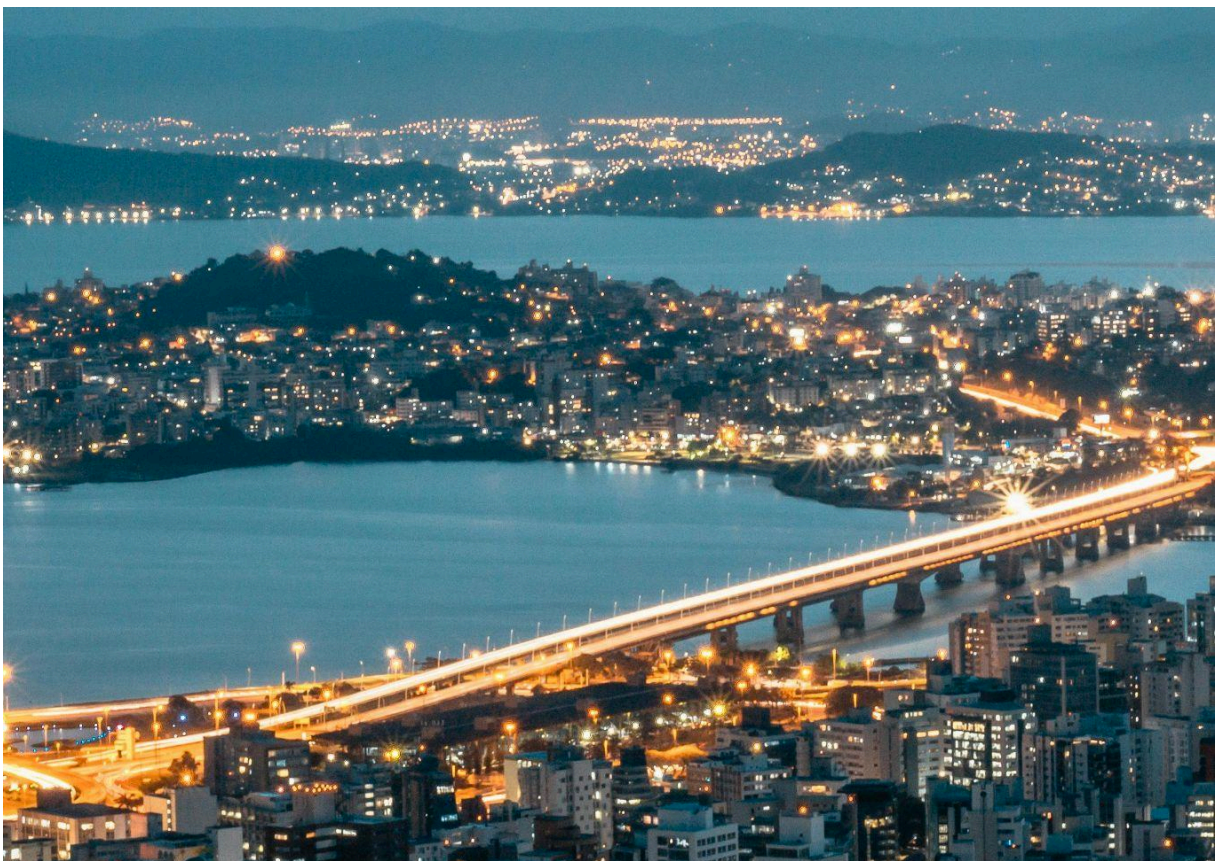
Fonte: ND+, foto por Leonardo Sousa/DivulgaçãoND

Figura 27 - Imagem aérea da região da Lagoa da Conceição (região leste da cidade)



Fonte: Foto por De Beatriz Beltrame

Figura 28 - Imagem aérea da região central e continental da cidade



Fonte: Foto por Marcos Gabriel Moreira

Figura 29 - Imagem do trecho da SC-401 (região norte da cidade)



Fonte: ND+, foto por Mauricio Vieira/ND/Divulgação/ND.

O objetivo final é reproduzir uma “paisagem” na parede por meio dos cobogós, onde estejam presentes esses “elementos comuns” que fazem parte do imaginário cotidiano da cidade, sendo utilizados juntos ou não.

4.1.1. A Mata

A escolha da mata se dá ao fato da grande presença da mesma na cidade de Florianópolis, mais precisamente Mata Atlântica (36,12%, do território da cidade segundo a análise da plataforma MAPBIOMAS Brasil, de 2023) e compor a paisagem de grande parte das áreas habitadas.

4.1.2. A Areia

Quanto à areia, ela representa um somatório de elementos, seja ela a areia da praia - ponto chave turístico da cidade - as dunas, presentes em pelo menos dois grandes pontos da cidade e a simbologia histórica dos sambaquis, sítios arqueológicos composto por montanhas de conchas construídos por

povos pré-históricos que habitaram a região. O que posteriormente, após um processo de decomposição e sedimentação, passaram a se tornar areia.

4.1.3. O mar

O mesmo se dá ao elemento mar, escolhido por compor o visual da cidade em grande parte dos locais, devido à cidade ser banhada por todos os lados, seja na parte ilhéu ou na continental.

4.2. Painéis de referência

A partir da escolha dos temas, foram selecionadas imagens referências para cada um deles de forma a compreender melhor as formas e texturas, bem como auxiliar no desenvolvimento das alternativas. As imagens abrangem referências conceituais, estéticas e funcionais.

O primeiro (figura 30), referente ao tema mata, aborda aspectos de vegetação de mata atlântica, árvores, galhos e folhagens. Bem como alguns modelos de cobogós não convencionais (no sentido de não terem sido observados nas pesquisas de campo), com aspectos orgânicos que remetem a raízes interligadas, causando uma percepção de irregularidade porém vistos a partir de uma certa distância revelam o padrão.

Figura 30 - Painel de referência tema mata.

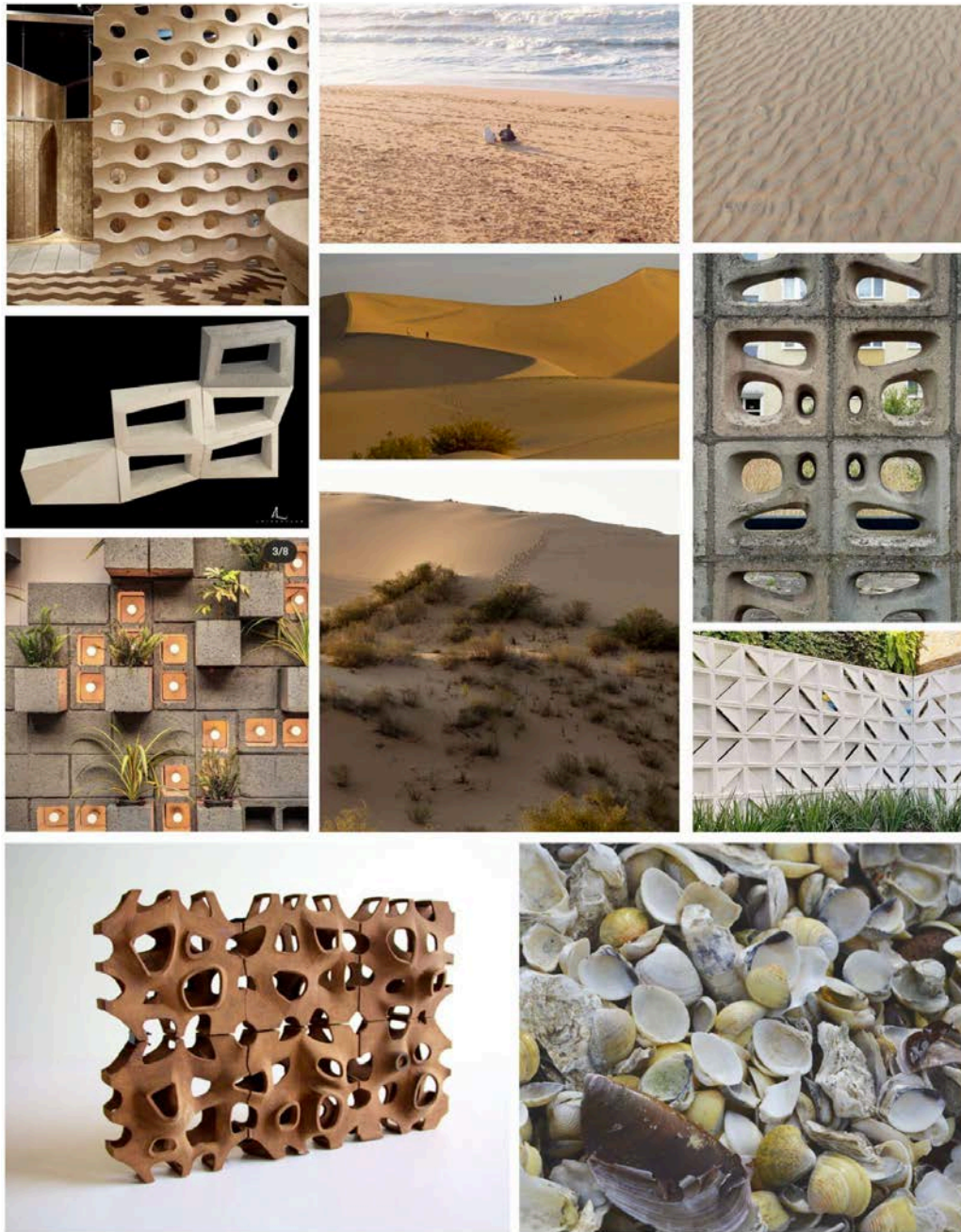


Fonte: Compilação do autor (2023).³

O segundo painel (figura 31) traz referências imagens de dunas, areia de praia e conchas, também traz cobogós com aspecto tridimensional e que fazem alusão às dunas, abordando aspectos orgânicos fluidos bem como formas localizadas irregulares, parecidas com conchas do mar.

³ Compilado a partir de imagens coletadas dos sites [pinterest.com](https://www.pinterest.com) e [pexels.com](https://www.pexels.com).

Figura 31 - Painel de referência tema areia.

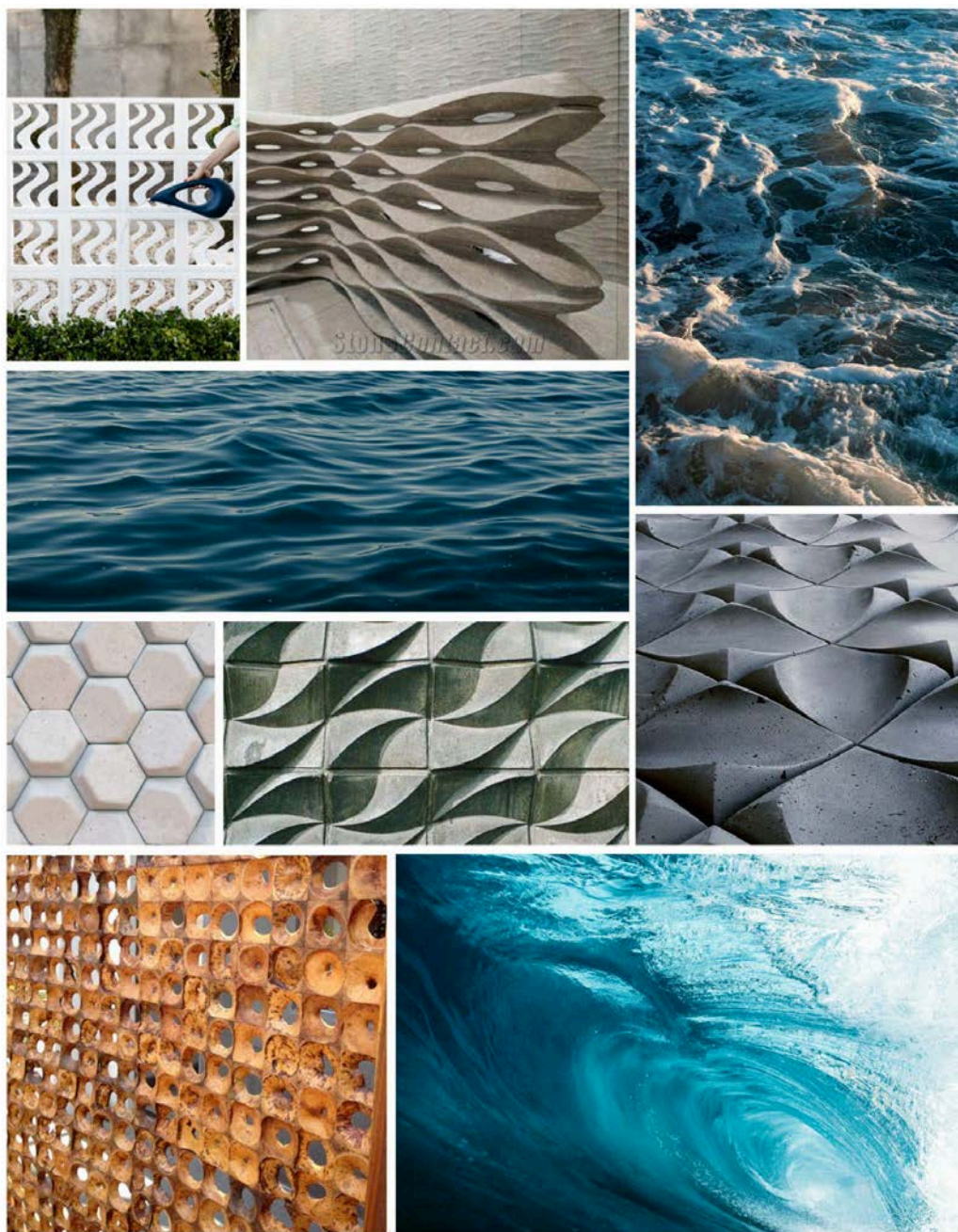


Fonte: Compilação do autor (2023).⁴

O terceiro painel (figura 32) semântico trata do mar, com imagens referentes a ondas e marolas, o objetivo do mesmo é auxiliar na percepção de formas orgânicas fluidas, contínuas e tridimensionalizadas.

⁴ Compilado a partir de imagens coletadas dos sites [pinterest.com](https://www.pinterest.com) e [pexels.com](https://www.pexels.com).

Figura 32 - Painel de referência tema mar.



Fonte: Compilação do autor (2023).⁵

4.3. Persona

O casal, com 45 anos e dois filhos em idade escolar, pertence à classe média alta e construiu um estilo de vida voltado ao equilíbrio entre trabalho, lazer e família. Gostam de viajar pelo Brasil, explorar diferentes regiões e

⁵ Compilado a partir de imagens coletadas dos sites [pinterest.com](https://www.pinterest.com) e [pexels.com](https://www.pexels.com).

conhecer a riqueza da cultura nacional, principalmente através da gastronomia, da música e das tradições locais. Gostam de cozinhar juntos, experimentar novos pratos ou compartilhar refeições simples em casa. Além disso, buscam produtos e experiências que unam qualidade, funcionalidade e estética, reforçando sua preferência por escolhas que promovam bem-estar e tragam boas memórias em família (figura abaixo).

Figuras 33 - Painel de público alvo.



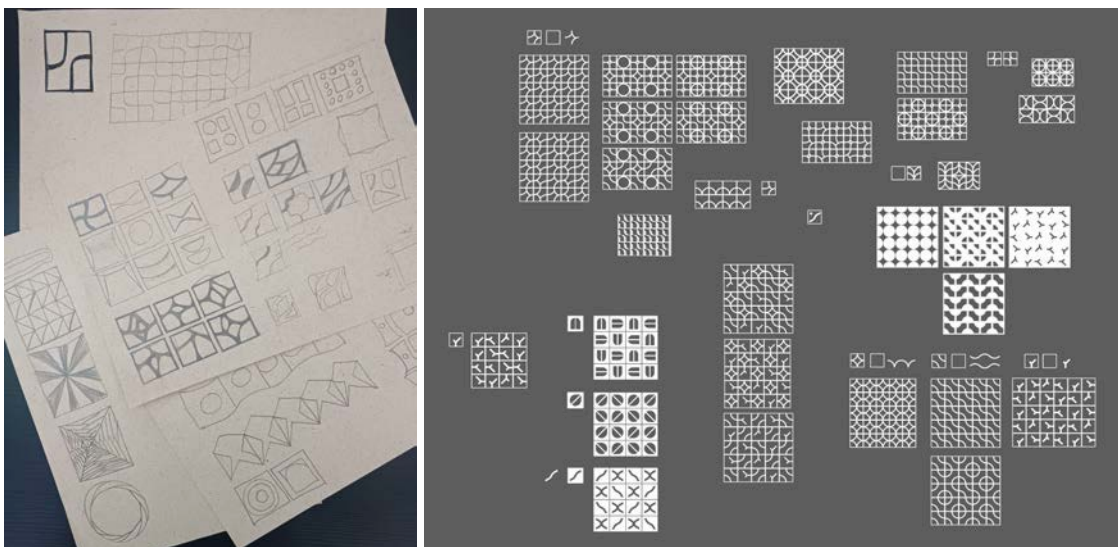
Fonte: Compilação do autor (2025).⁶

4.4. Elaboração de alternativas

As alternativas foram elaboradas por meios analógicos (lápiz e papel) e refinado por meios digitais (*software* de computador) tendo os painéis semânticos como referência principal (figura 34 e 35).

⁶ Compilado a partir de imagens coletadas da internet. Sites: [Archtrends.com](https://www.archtrends.com), [Pexels.com](https://www.pexels.com) e [Pinterest.com](https://www.pinterest.com).

Figuras 34 e 35 - Elaboração das alternativas de solução.



Fonte: Imagem autoral.

Para a elaboração das alternativas foram tomados aspectos estéticos dos temas como as ondulações do mar, dunas e movimentos da areia e referências de raízes das matas, considerando atributos da marca referência, tendências, lançamentos anteriores, bem como aspectos funcionais em relação ao uso personalizado das peças.

A partir disso, foi feita a escolha dos três modelos finais - com base no aspecto visual, equivalência de espaços vazados e partes materializadas, testes de composição - e deu-se início no processo de refinamento das mesmas, fazendo testes de composição, espessura dos elementos e espessura das bordas das peças, preenchimento de material, áreas vazadas, teste de rotação das peças e teste prévio visual em 3D das peças.

4.5. Materiais e tecnologias

Existem alguns materiais possíveis de serem utilizados na fabricação de um cobogó, com suas respectivas características técnicas e visuais.

O Material considerado para esse projeto foi o concreto, matéria essa que é amplamente utilizada nesse processo tal qual a cerâmica vermelha, e além de ser a matéria prima utilizada no primeiro cobogó ela expressa a

característica do modernismo que marcou, principalmente, a cidade de Florianópolis, segundo Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, na sua tese de doutorado “Arquitetura e cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina - 1930-1960”: “A incorporação aos novos empreendimentos da linguagem moderna da arquitetura brasileira, mostrava assim a entrada definitiva desse movimento em terras catarinenses”.

Dentro desse contexto modernista brasileiro o uso do concreto armado estava fortemente presente, segundo Melissa Laus Mattos em sua tese de doutorado “Poucas arquiteturas do mundo souberam se valer, como fizeram as brasileiras, das características de um material em favor da construção de uma linguagem projetual particular, própria”. (Mattos, 2009, p.102).

A produção das peças será feita por meio de moldes, que podem ser de alguns materiais possíveis como fibra de vidro, silicone, poliuretano, plástico e aço, cada um possui uma particularidade, como por exemplo, o plástico tem a característica de ser um molde mais barato enquanto o de silicone permite a reprodução de detalhes com precisão e possui mais possibilidades na questão das formas mais inovadoras e extravagantes.

Figura 36 - Exemplo de molde de silicone para cobogó em concreto



Fonte: ArtSul Formas.

O que é decisivo, nesse caso, é o porte da empresa, o valor disponível para investimento, o tipo de elemento que será produzido - levando em consideração os aspectos formais, curvas e sobreposições -, bem como o nível de detalhamento da textura desejada para o produto final.

Além disso, algumas empresas optam por contratar um serviço de *outsourcing*, que consiste em terceirizar a produção do produto com uma empresa especializada no ramo, no caso, no ramo de elementos em concreto. A Portobello já é familiarizada com essa situação, alguns produtos da marca - como por exemplo o “Fita” (figura 37), que é uma linha de produtos cimentícios - são feitos dessa forma, devida a matéria prima específica ou a falta de recursos fabris disponíveis.

Figura 37 - Linha Fita da marca Portobello, destacando os 3 modelos.

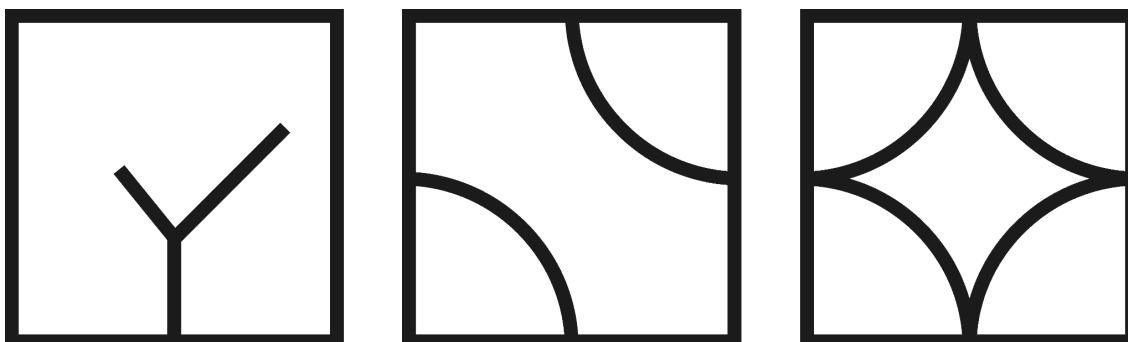


Fonte: Site da marca Portobello

4.6. Experimentação e modelo

Dentro dessa etapa foi feita a escolha dos modelos, bem como foi evoluído o processo de refinamento estético e análise funcional do produto, testagem de composição da linha e o estudo 3D feito digitalmente.

Figura 38 - Alternativas escolhidas a partir dos esboços.



Fonte: Imagem autoral.

As alternativas foram escolhidas levando em consideração, principalmente, análise estética, buscando identificar as que apresentavam maior coerência de forma e expressão em relação ao conceito proposto. Foram observados aspectos como proporção, fluidez, equilíbrio visual e relações entre espaços cheios e vazios, além da articulação entre linhas, curvas e volumes. Também se considerou a forma como cada proposta dialoga com o repertório visual definido anteriormente, avaliando a capacidade de síntese e identidade. A partir desses parâmetros, foi possível selecionar as alternativas que demonstraram maior potencial e consistência visual.

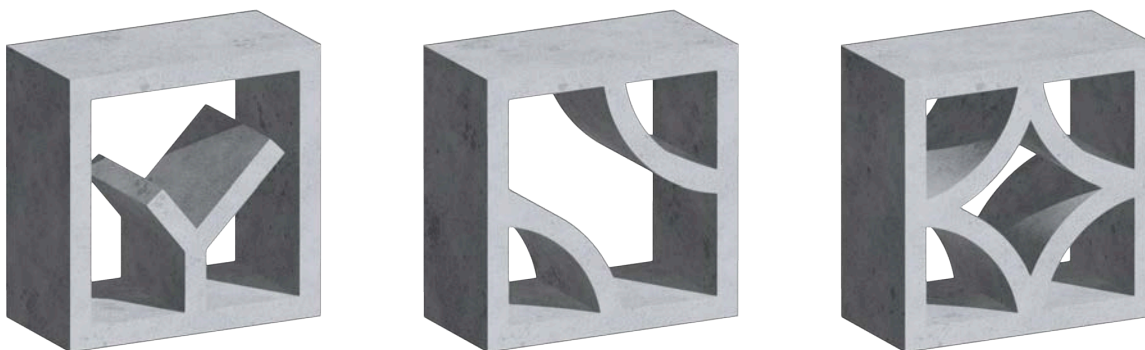
A primeira peça acima, da esquerda para direita representa a mata, suas linhas, cantos e arestas representam a rigidez dos galhos e raízes presentes na mata que se faz presente da região da Grande Florianópolis, a peça se caracteriza diante das outras pela maior respirabilidade, onde os espaços permitem a maior circulação de ar e iluminação, traçando uma analogia ao papel das florestas de purificarem o ar, e ao mesmo tempo refrescaram os ambientes ao redor. Na composição, as arestas e a assimetria causam um efeito de "confusão" visual, remetendo às raízes, galhos e troncos presentes nesses ambientes de mata fechada.

A peça seguinte, do meio, é a representação do mar, onde as formas circulares remetem ao movimento das ondas e marolas, sua simetria faz analogia ao movimento repetitivo das ondas. Na composição a peça forma, ora um grande oceano calmo, ora, o mar agitado com ondas maiores e bagunçadas quando assentadas aleatoriamente ou com diferentes padrões.

A terceira peça, posicionada à direita, tem como referência as dunas e a areia da praia. Sua forma é composta por quatro elevações curvas que representam montes de areia em diferentes escalas — podendo remeter tanto a grandes dunas quanto a pequenos cômoros ou à própria superfície ondulada da praia. As quatro curvas simbolizam a constante transformação desses ambientes, moldados pela ação do vento e do tempo. Em determinados períodos, as dunas se apresentam mais altas e definidas; em outros, surgem formações menores e mais numerosas. Essa analogia também se estende à temperatura característica desses locais, onde o calor se manifesta com maior intensidade. Por essa razão, a peça possui menor incidência de vazios e espaços de passagem de ar, reforçando conceitualmente a sensação térmica e a densidade visual associadas à paisagem arenosa.

O aspecto relacionado à transpassagem de luz e ar de todas as peças foi levado em consideração, através de testes visuais da espessura das partes internas das peças e testes de volumetria (figura 39).

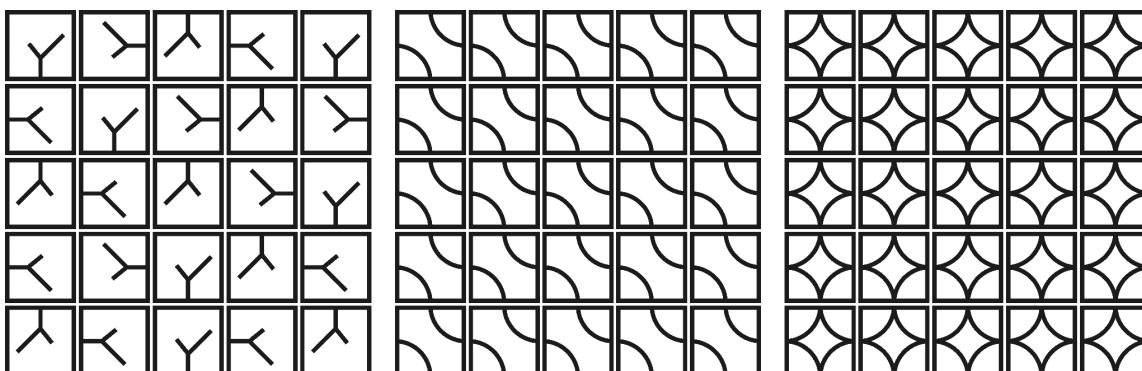
Figura 39 - Testes de volumetria das peças.



Fonte: Imagem autoral.

Dentre os esboços foram selecionadas as alternativas que melhor representavam os três temas escolhidos no processo, mata, mar e areia, respectivamente, levando em consideração a composição entre elas, fazendo com que se encaixem entre si, e também a utilização isolada do modelo.

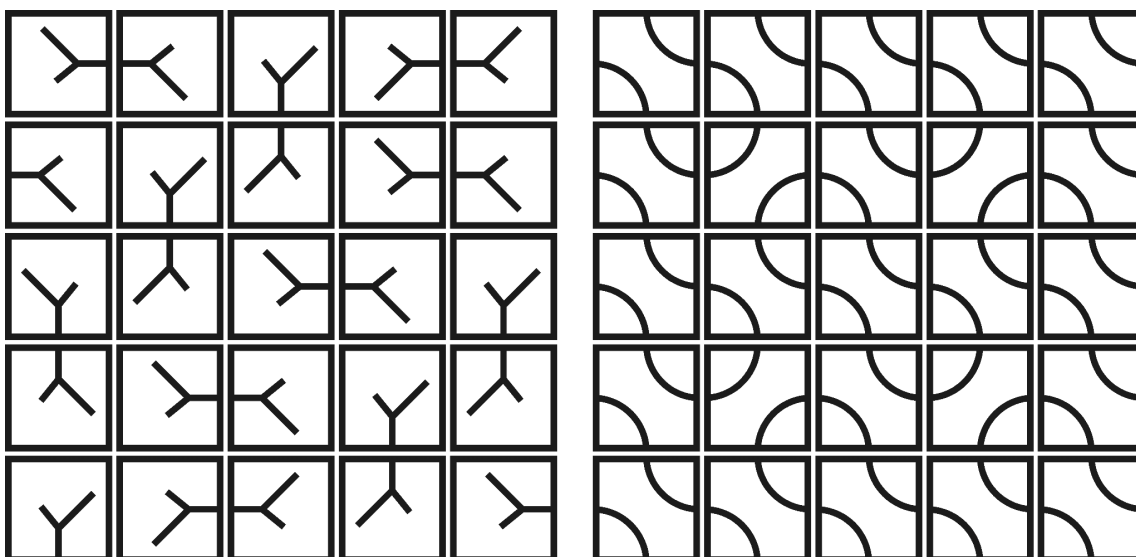
Figura 40 - Testes de composição.



Fonte: Imagem autoral.

As versões Mata e Areia, possuem mais formas de aplicação, tanto na rotação horizontal da peça quanto na rotação vertical, permitindo o efeito de “espelhamento” (figura 41).

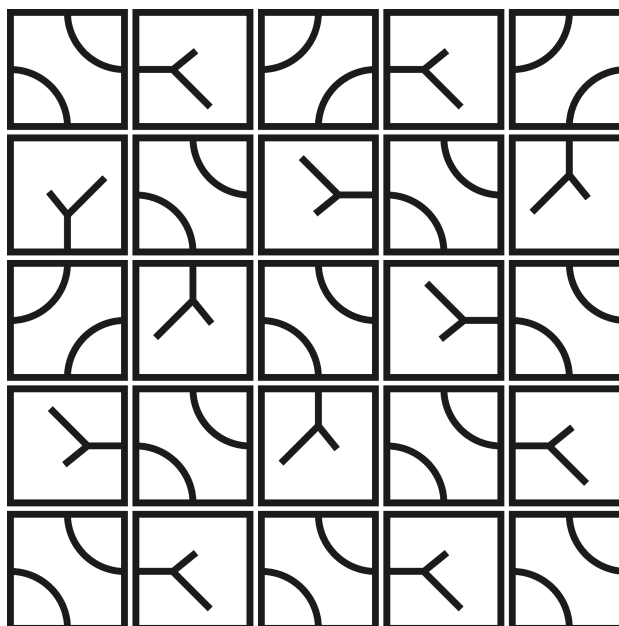
Figura 41 - Testes de composição.



Fonte: Imagem autoral.

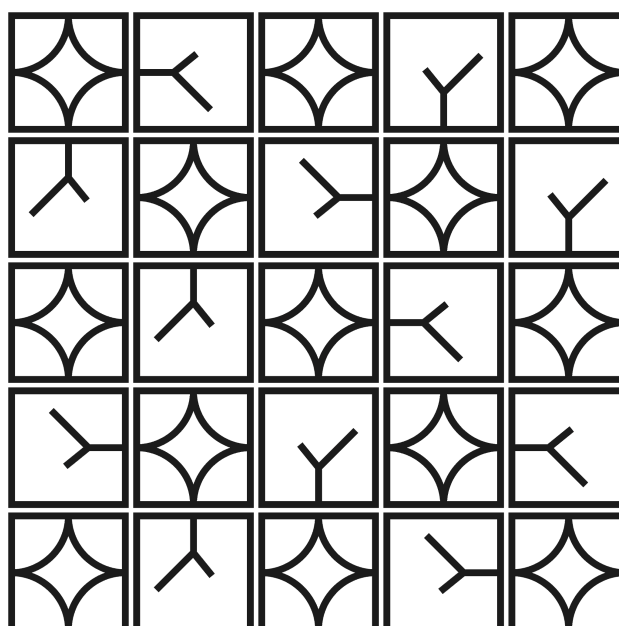
Também foram testadas composições intercalando as peças de forma a misturar os elementos na criação da parede. Respectivamente seguem os esquemas das peças Mata + Mar (Figura 42), Mata + Areia (Figura 43) e Mar + Areia (Figura 44).

Figura 42 - Teste de composição da peça Mata e peça Mar.



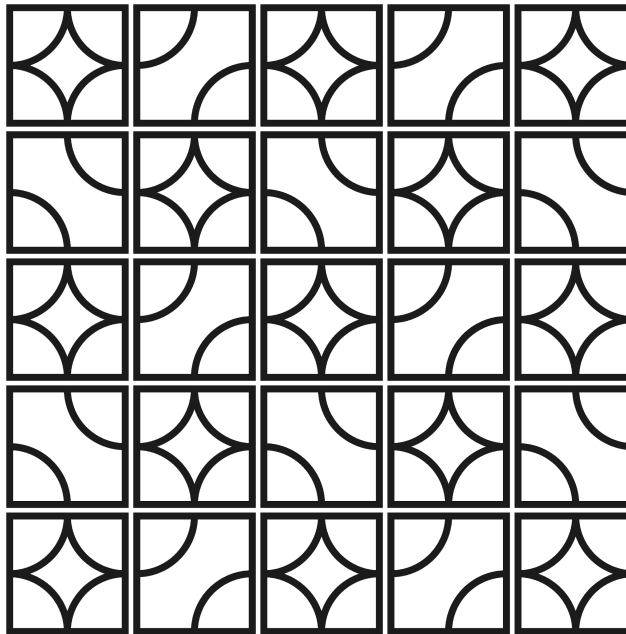
Fonte: Imagem autoral.

Figura 43 - Teste de composição da peça Mata e peça Areia.



Fonte: Imagem autoral.

Figura 44 - Teste de composição da peça Mar e peça Areia.

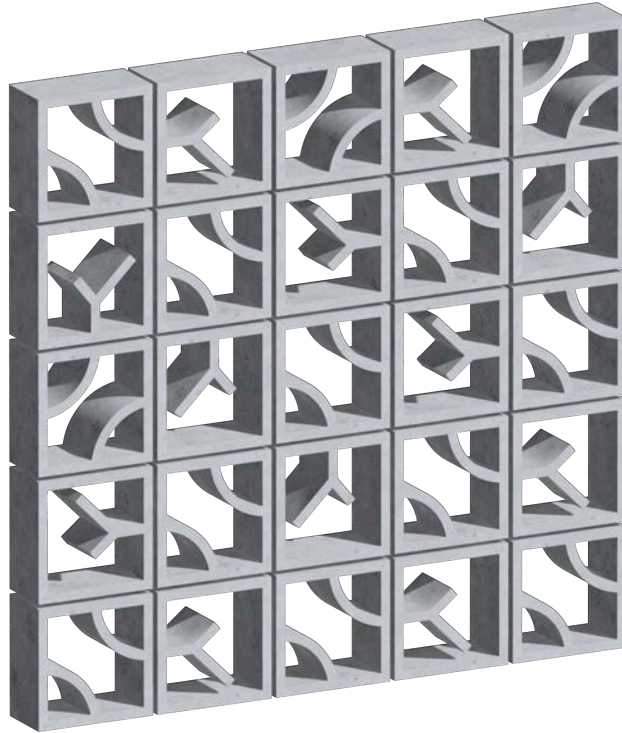


Fonte: Imagem autoral.

4.7. Verificação

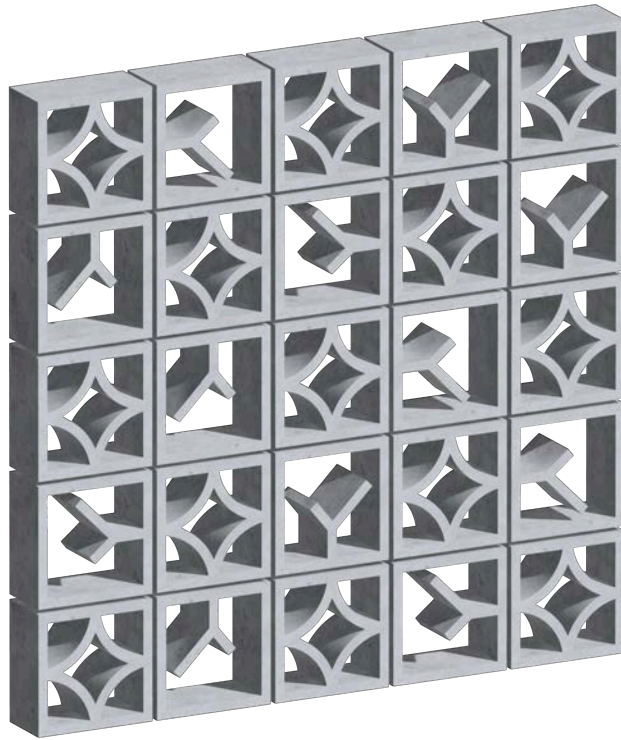
A etapa de verificação é essencial no processo de projeto, pois permite avaliar se a solução atende aos objetivos. Segundo Bruno Munari, essa análise deve ser objetiva. Para isso, foram realizados testes das composições volumétricos, por meio de modelagem tridimensional, permitindo observar a relação entre os elementos e obter melhor percepção do conjunto, sua expressividade e adequação ao uso proposto.

Figura 45 - Teste tridimensional de composição da peça Mata e peça Mar.



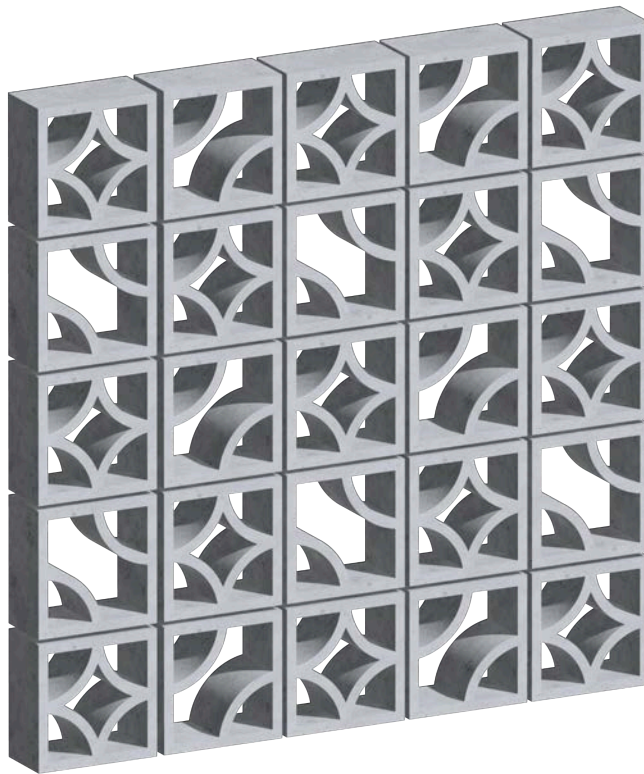
Fonte: Imagem autoral.

Figura 46 - Teste tridimensional de composição da peça Mata e peça Areia.



Fonte: Imagem autoral.

Figura 47 - Teste tridimensional de composição da peça Mar e peça Areia.



Fonte: Imagem autoral.

O próximo passo do desenvolvimento foi a decisão das dimensões base das peças bem como as espessuras internas de todo o bloco. A definição foi pensada de forma estratégica, considerando tanto aspectos estéticos quanto funcionais. A escolha por um cobogó de maior tamanho busca valorizar o impacto visual do elemento, tornando o desenho interno mais evidente e marcante no conjunto arquitetônico. O formato grande também permite maior passagem de luz, além de se adequar melhor às proporções de projetos contemporâneos com espaços amplos.

Considerando esses fatores, definiu-se o tamanho de 300x300 mm (Largura x Altura), com 25 mm de espessura nas paredes internas e externas. A profundidade foi escolhida com base nas dimensões que permanecem dentro da faixa utilizada tanto no mercado como nos modelos da Portobello, entre 7cm e 9cm, porém foi levado em consideração os tamanhos padrão de tijolos de cerâmica mais comuns usados na construção de casas (tijolo de 6 furos) que possui 90 mm de profundidade. Sendo assim a profundidade decidida foi 90 mm.

Após as medidas definidas, a etapa iniciada foi a de modelagem das peças em escala 1:2 para conferência. O material utilizado foi a argila vermelha.

Figura 48 - Processo de modelagem das peças em escala 1:2.



Fonte: Imagem autoral.

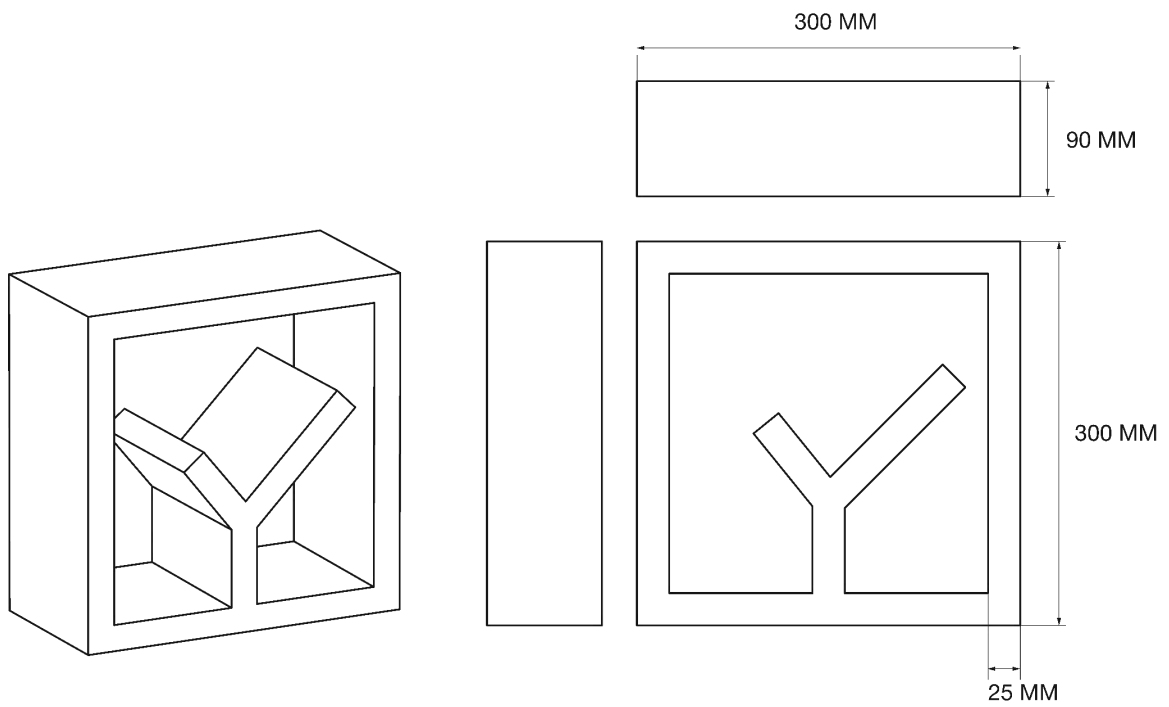
4.8. Desenhos de construção

Seguindo a visão de Bruno Munari, os desenhos técnicos cumprem o papel de traduzir com clareza a ideia. Na presente situação, os desenhos são essenciais para garantir a repetição modular, a viabilidade de fabricação e a conformidade entre forma, função e estética.

Abaixo consta o esquema técnico das peças, como a vista tridimensional e as vistas laterais, superiores e frontais (figura 49, 50 e 51)

4.8.1. Peça Mata

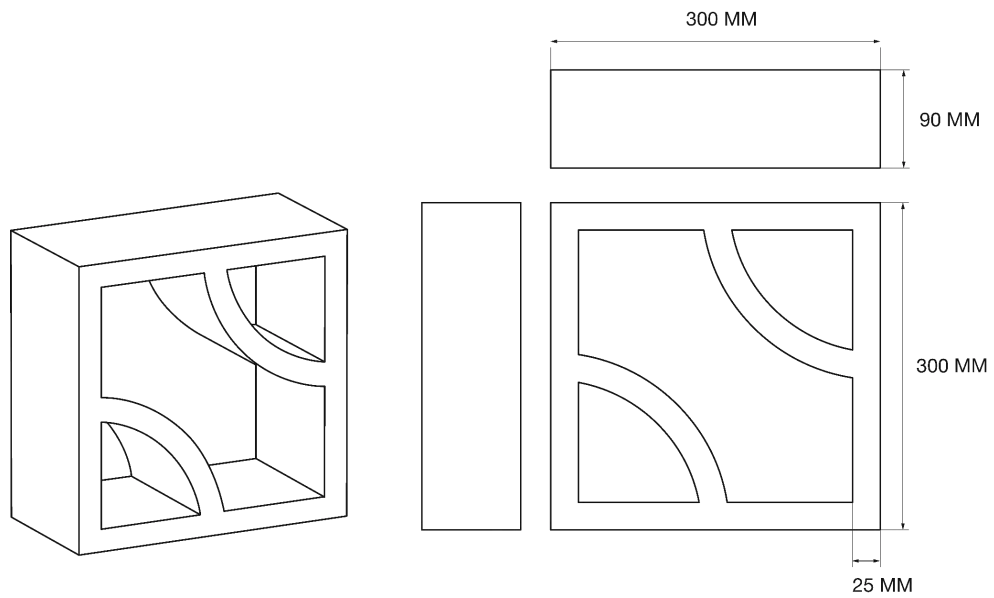
Figura 49 - Desenho de construção da peça Mata.



Fonte: Imagem autoral.

4.8.2. Peça Mar

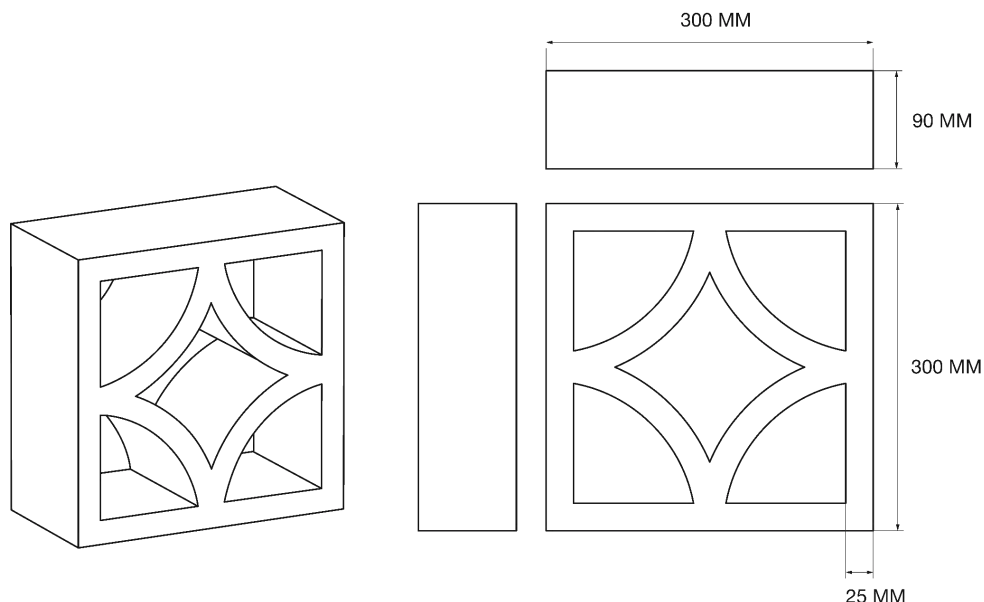
Figura 50 - Desenho de construção da peça Mar.



Fonte: Imagem autoral.

4.8.3. Peça Areia

Figura 51 - Desenho de construção da peça Areia.



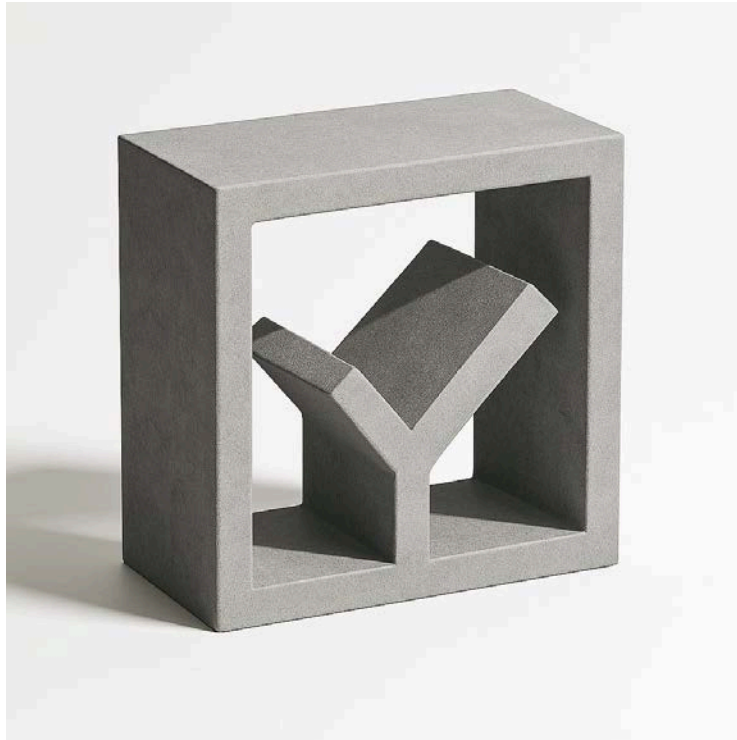
Fonte: Imagem autoral.

Os desenhos técnicos mostram como o cobogó pode ser produzido e aplicado na prática. Eles encerram a parte de desenvolvimento do projeto, o próximo passo é a testagem de materiais e produção para a materialização do cobogó. A seguir serão mostradas as imagens do produto final.

5. RESULTADO

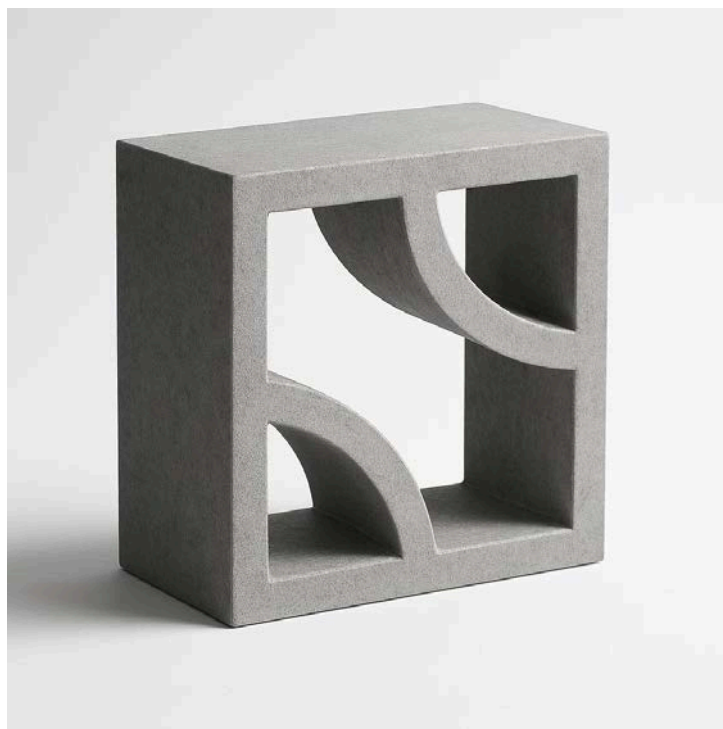
Segundo Bruno Munari, “um bom projeto nasce do equilíbrio entre a ideia e sua execução”. Nesta etapa, é apresentada a solução final do cobogó, mostrando como as ideias desenvolvidas ao longo do projeto foram transformadas em forma e material. O objetivo é mostrar como as pesquisas e escolhas feitas durante o processo ganharam forma concreta, mantendo a funcionalidade do produto. Nesse processo de finalização, a coleção recebeu o nome de “Sistema Ilha” e as peças receberam o nome de “Elemento Mata”, “Elemento Mar” e “Elemento Areia”.

Figura 52 - Imagem final do Elemento Mata.



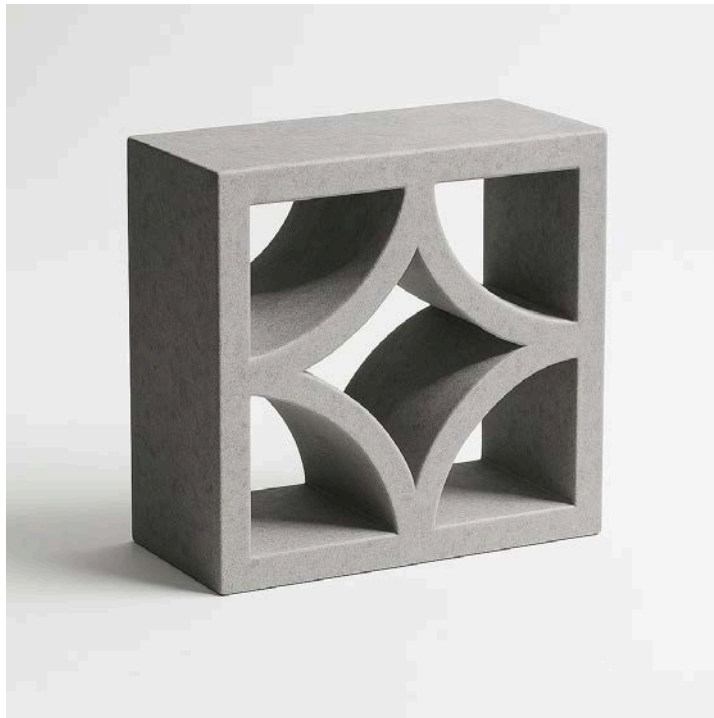
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 53 - Imagem final do Elemento Mar.



Fonte: Imagem autoral.

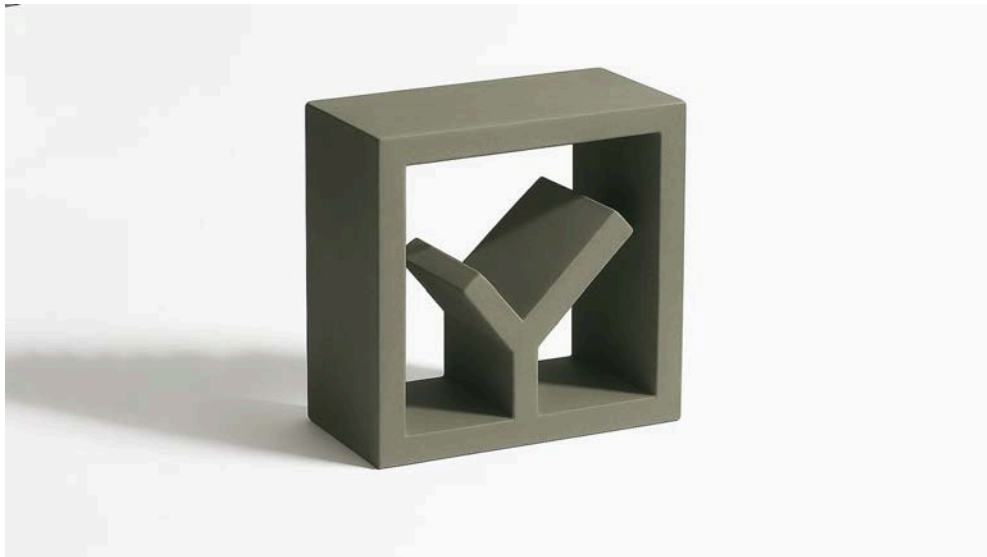
Figura 54 - Imagem final do Elemento Areia.



Fonte: Imagem autoral.

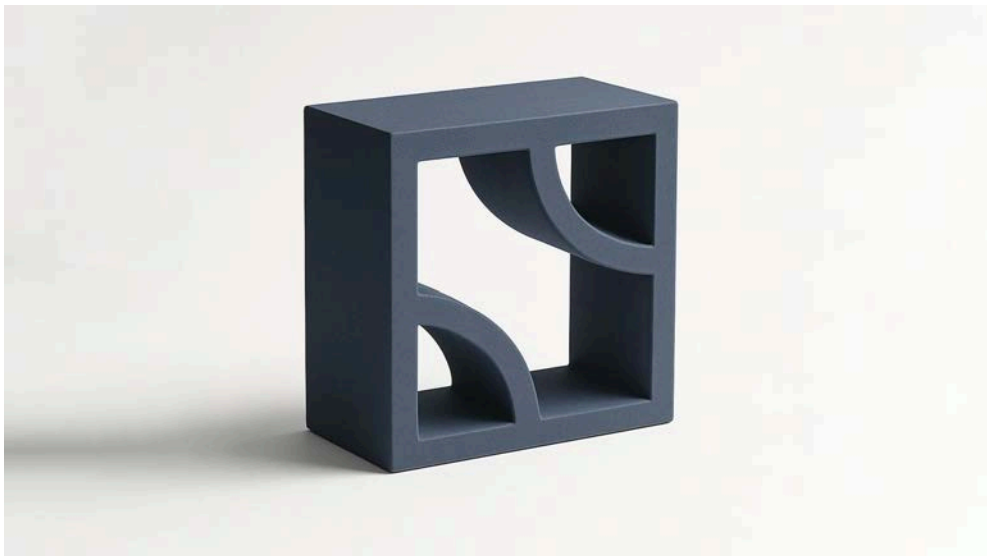
A partir do lançamento das peças, da aceitação do público e de uma análise de mercado posterior, propõe-se, como desdobramento do projeto, a criação de uma variação das peças com a utilização de cores incorporadas à massa cimentícia. Essa estratégia agrega novos detalhes, amplia as possibilidades estéticas e reforça as características do produto, oferecendo maior diversidade ao portfólio. A Portobello adota, de forma recorrente, a prática de atualizar produtos já presentes em seu catálogo, denominando essas evoluções como “Upgrades”. Assim, como etapa subsequente ao lançamento inicial, apresentam-se a seguir as imagens da proposta de upgrade, que incorporam elementos coloridos às peças, evidenciando uma nova camada de experimentação visual e potencial de mercado.

Figura 55 - Imagem final do Elemento Mata na cor verde.



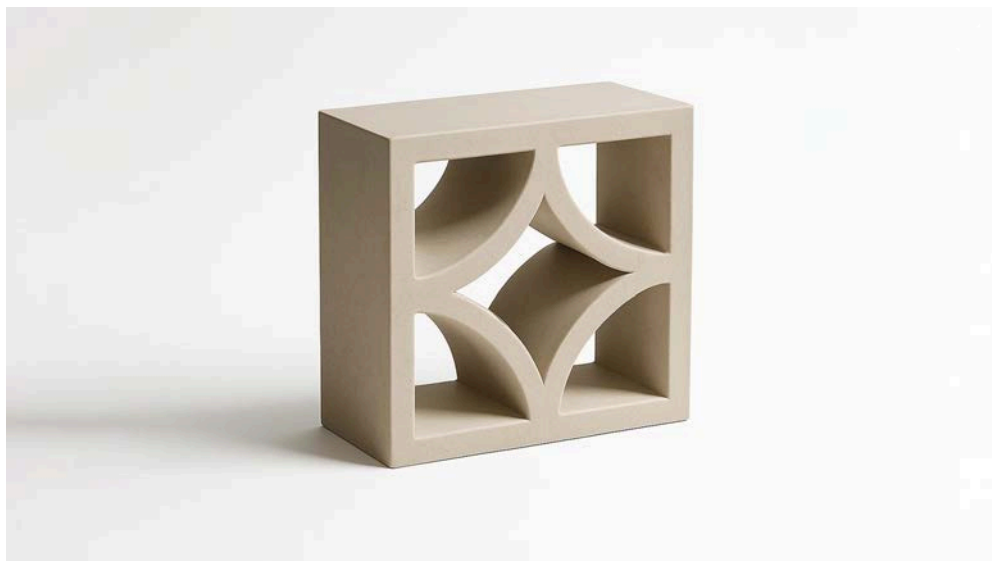
Fonte: Imagem autoral.

Figura 56 - Imagem final do Elemento Mar na cor azul.



Fonte: Imagem autoral.

Figura 56 - Imagem final do Elemento Areia na cor bege.



Fonte: Imagem autoral.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho demonstrou como o cobogó pode transcender sua função arquitetônica tradicional e se tornar um elemento carregado de identidade e significado, quando pensado a partir da geografia e da cultura local. A coleção desenvolvida, inspirada na mata, no mar e na areia de Florianópolis, buscou traduzir paisagens cotidianas em formas modulares que unem estética, funcionalidade e pertencimento.

O processo, guiado pelo método de Bruno Munari, evidenciou a importância de integrar pesquisa histórica, observação de campo e experimentação projetual, resultando em um produto que dialoga tanto com a linguagem autoral quanto com a viabilidade de mercado da Portobello. Mais do que propor novos modelos de cobogós, este projeto reafirma o papel do design como mediador entre memória, emoção e inovação, apontando caminhos para que produtos cotidianos se tornem suportes de expressão cultural e conexão afetiva com os espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHTRENDS PORTOBELLO (Brasil) (ed.). **Vik Muniz traz arte contemporânea para o porcelanato Portobello**. 2025. Disponível em:

<https://blog.archtrends.com/haptic-vik-muniz/>. Acesso em: 26 maio 2025.

ARCHTRENDS PORTOBELLO (Brasil) (ed.). **Cobogó Portobello: design sustentável e identidade alagoana**. 2021. Disponível em:

<https://blog.archtrends.com/cobogo-portobello/>. Acesso em: 27 maio 2025.

CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO (Brasil).

Construção Civil cresce 4,3% em 2024 e impulsiona economia nacional.

2025. Disponível em:

<https://cbic.org.br/construcao-civil-cresce-43-em-2024-e-impulsiona-economia-nacional/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

CRISTIANE NUNES (ed.). **O uso do cobogó na arquitetura bioclimática**.

2015. Disponível em:

<https://sustentarqui.com.br/o-uso-do-cobogo-na-arquitetura-bioclimatica/>.

Acesso em: 10 nov. 2024.

DAHLKE, Ana Paula. **Ranking mostra as 100 maiores empresas de SC**. 2024.

Disponível em:

<https://economiasc.com/2024/10/15/ranking-mostra-as-100-maiores-empresas-de-sc/>. Acesso em: 07 maio 2025.

MAPBIOMAS BRASIL (Florianópolis) (org.). **Plataforma MapBiomass uso e cobertura**. 2024. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/>.

MATTOS, Melissa Laus. **ARQUITETURA INSTITUCIONAL EM CONCRETO APARENTE E SUAS REPERCUSSÕES NO ESPAÇO URBANO DE**

FLORIANÓPOLIS ENTRE 1970 E 1985. 2009. 240 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92678>. Acesso em: 07 jul. 2025.

MEDIUM. **A Metodologia Projetual de Bruno Munari e a Desigualdade Social.** Disponível em:

<https://medium.com/@bia-tavares/1%C2%AA-entrega-a-metodologia-projetual-de-bruno-munari-e-a-desigualdade-social-7e65bad6ba41#:~:text=A%20Metodologia%20Projetual%20de%20Bruno%20Munari%20foi%20publicada%20em%201981,buscar%20imediatamente%20uma%20solu%C3%A7%C3%A3o%20ideal>. Acesso em: 23 out. 2023.

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NORMAN, Donald A. Design Emocional: Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PORTOBELLO. **Institucional A Portobello.** Disponível em:

<https://www.portobello.com.br/institucional>. Acesso em: 23 out. 2023.

RAMOS, Silvia Regina. **Cobogó: mil maneiras de montar, só um jeito de falar.** 2015. 115 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Design, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em:
<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/7698>. Acesso em: 10 nov. 2024.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. Arquitetura e cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina - 1930-1960. Tese de doutoramento / USP-SC. São Carlos, 2009. Disponível em:

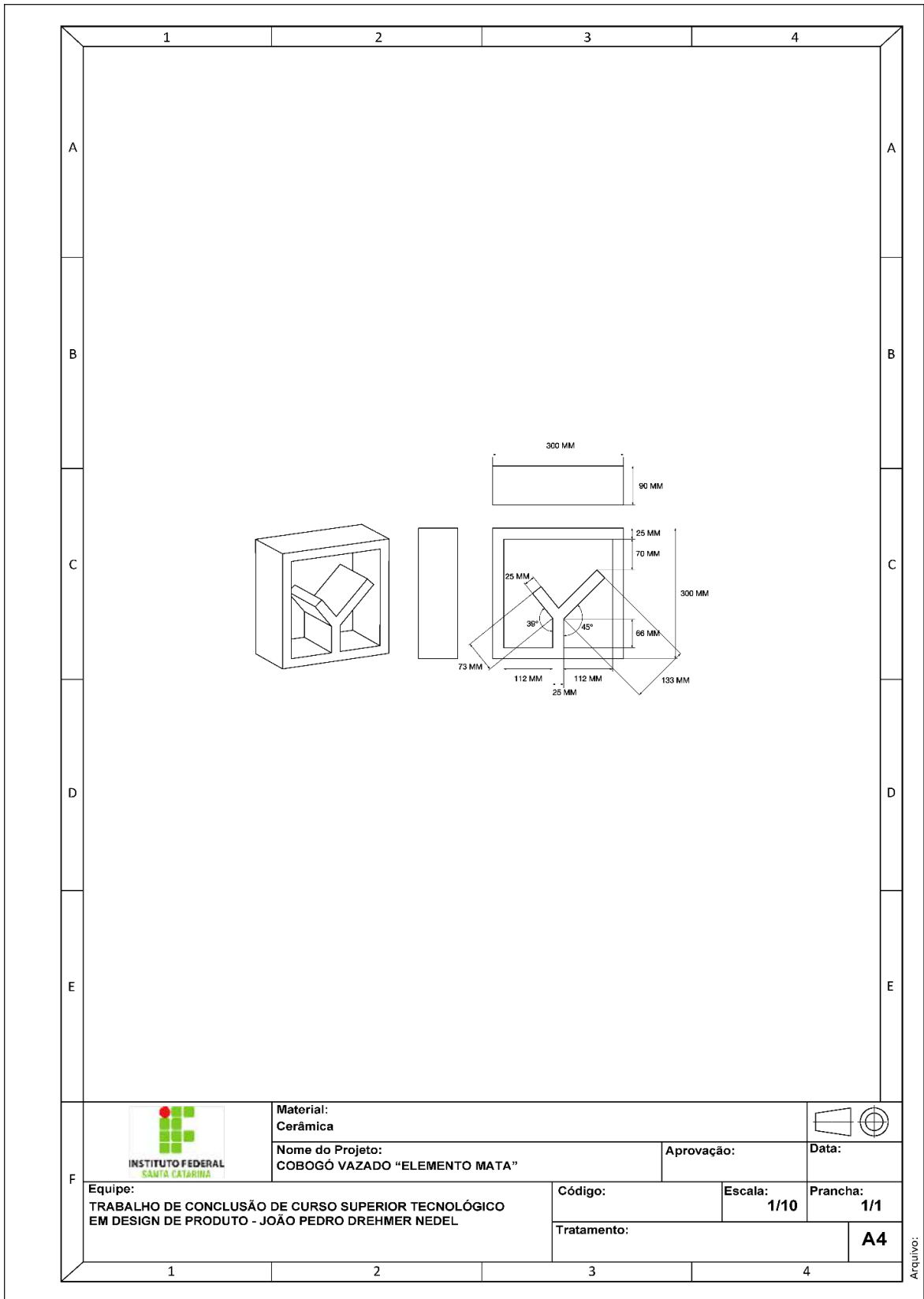
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-26022010-141740/pt-br.php>

Acesso em: 07 julho 2025.

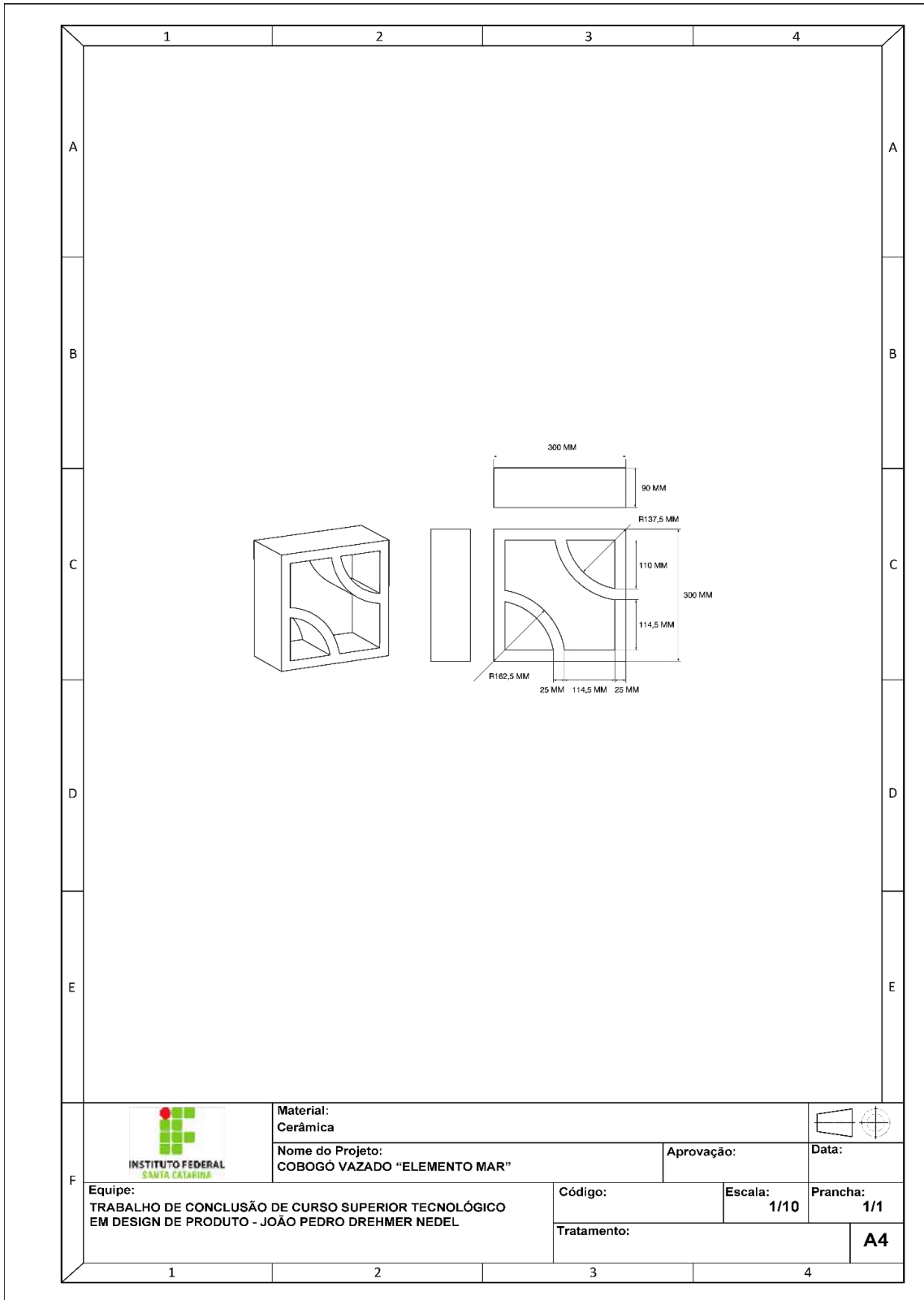
TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura; YUNES, Gilberto Sarkis; SANSÃO, Marcos Marciel; A GODOY, Marianna Spindol; SOUZA, Rafaela Regi na de. **UM ITINERÁRIO PARA A ARQUITETURA MODERNA EM FLORIANÓPOLIS**. 2014. Disponível em:

<https://nau1.paginas.ufsc.br/files/2014/11/Um-Etiner%C3%A1rio-para-a-Arquitetura-Moderna-em-Florian%C3%B3polis.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2025.

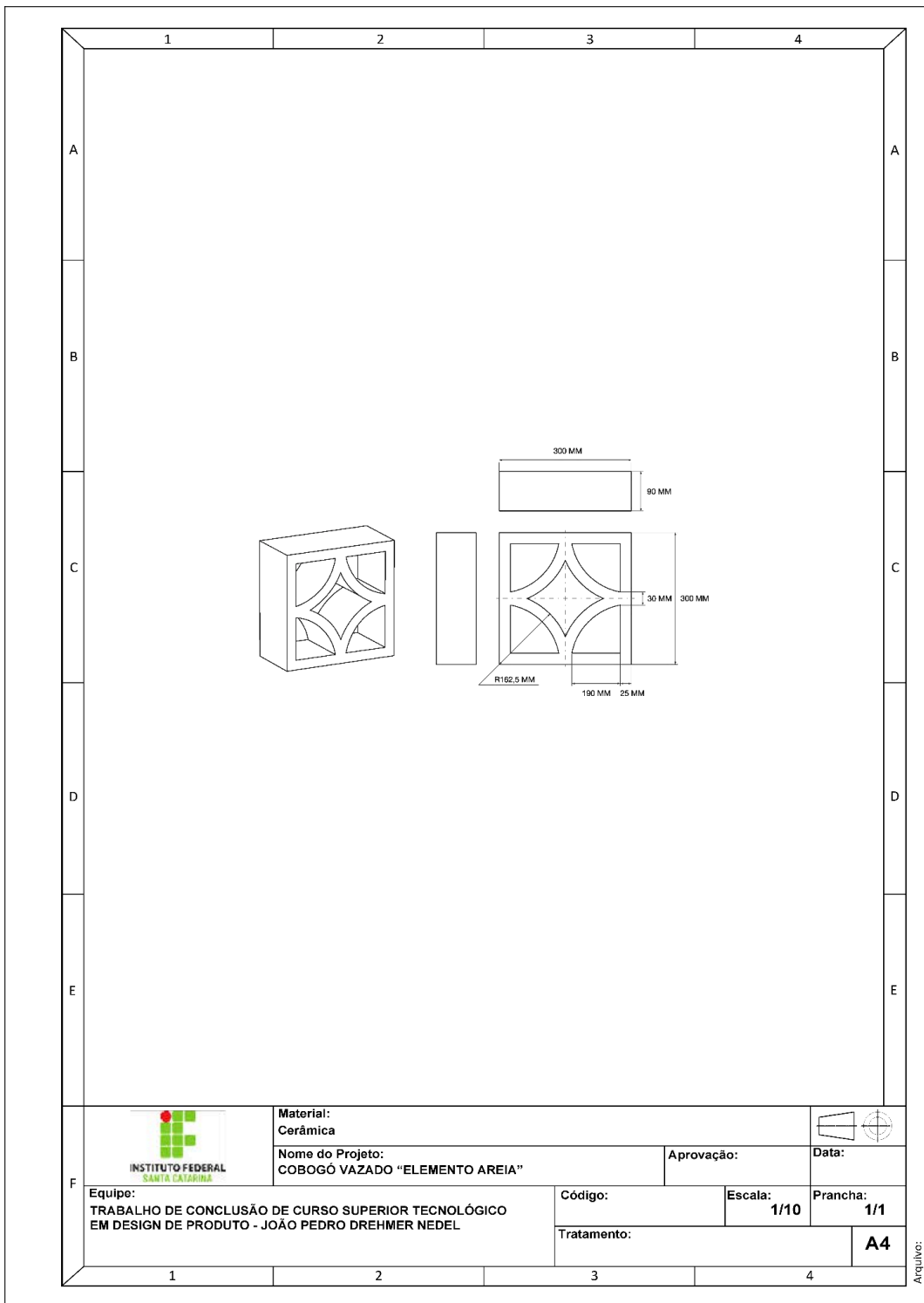
APÊNDICE A – DESENHOS TÉCNICOS



Desenho técnico da peça Mata.



Desenho técnico da peça Mar.



Desenho técnico da peça Areia.